PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO: PROGRAD

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

THALLYA SOARES DE CARVALHO

IDENTIDADE E INIMIGO: O PAPEL DE MEIN KAMPF NA CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE HITLER

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,

2024.

THALLYA SOARES DE CARVALHO

IDENTIDADE E INIMIGO: O PAPEL DE MEIN KAMPF NA CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE HITLER

Trabalho Monográfico defendido junto ao Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para a obtenção dos títulos de Licenciada em História e Historiadora, conforme as disposições da Lei 14.038/2020.

Orientador: Prof. Me. Antônio Luiz

Goiânia

2024.

AGRADECIMENTOS

Aos que chegaram durante minha trajetória acadêmica ao longo desses quatro anos, tenho muito a agradecer, mas minha maior gratidão vai para aqueles que sempre estiveram aqui: Claudio e Gildeni.

Claudio, com um caráter e uma honestidade inquestionáveis, esteve ao meu lado em muitas situações, enfrentando o sol forte e correndo riscos, muitas vezes em cima de uma moto, para que hoje eu pudesse estar aqui, finalizando minha graduação. Gildeni, que sempre me incentivou a ser independente, sempre dizia "estuda", e foi quem limpou muitas casas e lavou muitos banheiros para me dar a oportunidade que não tiveram. Sempre soube que minha ascensão na vida só seria possível através dos estudos. Toda a minha gratidão vai aos meus pais, que trabalharam muito para me oferecer as oportunidades que lhes faltaram.

Ao escolher o curso de História, ouvi diversos questionamentos e críticas. No entanto, gostaria de destacar e agradecer a pessoa que mais me apoiou durante todo o curso: a pessoa que me ajudou financeiramente, me emprestou seu computador, me auxiliou a formatar meus trabalhos e, acima de tudo, foi a única a não desmerecer minha escolha. Pelo contrário, sempre reconheceu e continua reconhecendo a importância desse curso, que muitas vezes é extremamente desvalorizado, Victor Manoel, meu companheiro, meu muito obrigada!

Agradeço aos meus amigos de graduação, Luciano, Matheus, Nayane e Lucas, pela companhia nesses últimos quatro anos e pelas belas risadas que compartilhamos durante nossa formação. Gostaria de agradecer a uma amiga especial que me ajudou muito nessa reta final: Livia, agradeço por toda a ajuda e companheirismo.

Agradeço à PUC pela oportunidade de iniciar meu curso por meio da bolsa do vestibular social e pela chance de participar do PIBID, com o apoio da CAPES. Agradeço também ao PROBEM/OVG pela bolsa de estudos, sem a qual seria muito difícil concluir minha graduação. Sou grato ao programa de monitoria da PUC-GO, que me proporcionou uma experiência rica e transformadora.

Agradeço ao colegiado de História pelos últimos quatro anos, pela dedicação dos professores e pelos ensinamentos valiosos, especialmente ao professor Antônio Luiz, que sempre foi uma grande inspiração para mim.

Dedico este trabalho aos seis milhões de judeus (in memorian) que perderam a vida sob o regime nazista, bem como a todos os grupos que sofreram perseguições por parte dos nazistas.

RESUMO

O presente estudo propõe uma análise aprofundada de "Mein Kampf", de Adolf Hitler, como fonte histórica para compreender a ascensão do nazismo e a complexa autoimagem de seu autor. A obra, escrita durante o período de cárcere de Hitler, é um manifesto ideológico que revela as raízes do pensamento nazista, como o antissemitismo, o ultranacionalismo e a eugenia. As ideias presentes em "Mein Kampf" serviram como base para a construção de um sistema educacional nazista que visava doutrinar as futuras gerações, preparando-as para servir ao Reich e difundir a ideologia nazista. A pesquisa busca contextualizar a obra no período entreguerras, marcado por crises e instabilidades na Alemanha, e analisar como Hitler constrói sua imagem de salvador da pátria. Através da análise bibliográfica, o estudo busca desvendar as estratégias discursivas empregadas por Hitler e os mecanismos que permitiram a concretização de suas ideias, incluindo a instrumentalização da educação para a formação de novos nazistas.

Palavras-chaves: Mein Kampf, Adolf Hitler, nazismo, história, análise histórica, ideologia, antissemitismo, ultranacionalismo, eugenia.

ABSTRACT

The present study proposes an in-depth analysis of "Mein Kampf", by Adolf Hitler, as a historical source to understand the rise of Nazism and its author's complex self-image. The work, written during Hitler's time in prison, is an ideological manifesto that reveals the roots of nazi thought, such as anti-Semitism, ultranationalism and eugenics. The ideas present in "Mein Kampf" served as the basis for the construction of a Nazi educational system that aimed to indoctrinate future generations, preparing them to serve the Reich and spread Nazi ideology. The research seeks to contextualize the work in the interwar period, marked by crises and instability in Germany, and analyze how Hitler builds his image as the savior of the country. Through bibliographical analysis, the study seeks to uncover the discursive strategies employed by Hitler and the mechanisms that allowed the realization of his ideas, including the instrumentalization of education for the training of new Nazis.

Keywords: Mein Kampf, Adolf Hitler, Nazism, history, historical analysis, ideology, anti-Semitism, ultranationalism, eugenics.

SUMARIO

INTRODUÇÃO 09

1. A HISTÓRIA DA ESCRITA DO LIVRO 13

1.1. A AUTO IMAGEM DE HITLER 18

1.2. A CRISE PÓS-GUERRA E A ASCENSÃO DO NAZISMO 25

1.3. A QUESTÃO DO OUTRO 28

2. A RECUSA DE HITLER AO MARXISMO E BOLCHEVISMO..... 31

2.1. A FUNÇÃO DO ESTADO NA FORMAÇÃO DA NAÇÃO 38

2.2. UMA ANÁLISE DO TOTALITARISMO SEGUNDO HANNAH ARENDT ... 41

2.3. A FORMAÇÃO DOS JOVENS DE HITLER 42

CONSIDERAÇÕES FINAIS 53

ANEXOS 56

REFERÊNCIAS 58

INTRODUÇÃO

O presente se propõe a analisar o livro Mein Kampf (Minha Luta), escrito por Adolf Hitler, sob a ótica da historiografia, utilizando-o como uma fonte histórica para compreender a ascensão do nazismo e a complexa autoimagem de seu autor. A obra, publicada em 1925, é um híbrido de autobiografia e manifesto ideológico, na qual Hitler narra sua trajetória pessoal e articula os objetivos e a visão de mundo do movimento Nacional Socialista. A relevância de Mein Kampf como fonte histórica reside em seu caráter único, que revela a origem e a evolução do pensamento de Hitler em um momento de reflexão e consolidação ideológica. O livro foi escrito durante seu período de cárcere após o fracassado Putsch de Munique, em 1923, um período conturbado na história alemã, marcado por crises sociais, econômicas e políticas. As dificuldades enfrentadas pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, como a humilhação nacional imposta pelo Tratado de Versalhes e a instabilidade econômica, criaram um ambiente fértil para a ascensão de ideologias extremistas, como o nazismo.

Neste contexto, Mein Kampf surge como um farol para aqueles que buscavam respostas e soluções para os problemas da nação. Hitler, em sua obra, apresenta-se como um messias, um salvador da pátria, capaz de resgatar a Alemanha da crise e levá-la de volta à sua grandeza. Sua narrativa, permeada por um discurso ultranacionalista, antissemita e xenófobo, encontrou ressonância em uma sociedade fragilizada e em busca de um líder forte. A análise de *Mein Kampf* como fonte histórica permite compreender a visão de mundo de Hitler, embora exija cautela quanto às suas limitações e interpretações, desvendando suas motivações, crenças e estratégias discursivas. O livro revela a construção da autoimagem de Hitler como um herói nacional, um gênio incompreendido que, por meio de sua luta pessoal, almeja redimir a Alemanha. A obra também expõe a visão distorcida de Hitler sobre o mundo, na qual a raça ariana é exaltada como superior e os judeus são demonizados como inimigos da nação.

Este estudo se justifica pela necessidade de compreendermos as raízes do nazismo e os mecanismos que levaram à sua ascensão. A análise de Mein Kampf nos auxilia a desvendar a gênese do pensamento de Hitler, suas estratégias de manipulação e o contexto histórico que permitiu a concretização de suas ideias. Ao

investigarmos a obra, buscamos lançar luz sobre um período obscuro da história. O objetivo geral desta pesquisa é analisar Mein Kampf como fonte histórica para a compreensão do nazismo e da autoimagem de Hitler. Para tanto, utilizaremos a metodologia da pesquisa bibliográfica, com base em autores como José de Assunção Barros, Jacques Sémelin, Tzvetan Todorov, Hannah Arendt, entre outros. A pesquisa bibliográfica nos permitirá aprofundar a análise da obra, contextualizando-a historicamente e dialogando com diferentes perspectivas historiográficas.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos a história do livro Mein Kampf, desde sua gênese até sua recepção ao longo do tempo. Analisaremos o contexto histórico em que a obra foi produzida, as estratégias discursivas empregadas por Hitler e os desafios historiográficos inerentes ao estudo do livro. Também discutiremos a autoimagem de Hitler, construída em Mein Kampf, como um herói nacional e salvador da pátria. No segundo capítulo, aprofundaremos a análise das principais temáticas abordadas na obra, como a questão do "outro", o antissemitismo, o ultranacionalismo e a eugenia. Investigaremos como Hitler constrói em seu livro a imagem do judeu como inimigo da nação, justificando sua perseguição e extermínio. Também analisaremos o discurso ultranacionalista presente em Mein Kampf, que exalta a raça ariana e defende a supremacia alemã. Por fim, discutiremos a influência da eugenia no pensamento de Hitler, que via na pureza racial o caminho para a construção de uma sociedade ideal.

Acreditamos que este estudo contribuirá para o aprofundamento do debate sobre o nazismo e seus impactos na história. Ao analisarmos Mein Kampf como fonte histórica, buscamos não apenas compreender o passado, mas também lançar luz sobre os desafios do presente, em um mundo ainda marcado por ideologias extremistas e discursos de ódio. A memória do Holocausto e a análise crítica de obras como Mein Kampf são ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante.

A História, enquanto disciplina acadêmica, transcende a mera catalogação de datas e eventos. Ela se constitui como uma ciência que investiga o passado humano em sua totalidade, buscando compreender as ações, motivações e relações que

moldaram as sociedades ao longo do tempo. Nesse processo de investigação, as fontes históricas desempenham um papel fundamental, servindo como "visores do passado" que permitem aos historiadores reconstruírem e interpretar os eventos históricos.

As fontes históricas são vestígios das ações humanas que se manifestam de diversas formas, desde documentos escritos e objetos materiais até manifestações culturais e orais. A concepção do que constitui uma fonte histórica se ampliou consideravelmente ao longo do tempo, impulsionada por diferentes escolas historiográficas, como a Escola dos Annales, que desafiou a noção tradicional de que apenas documentos oficiais poderiam ser considerados fontes válidas.

A Escola dos Annales, em particular, contribuiu para uma visão mais abrangente das fontes históricas, expandindo o escopo da pesquisa para além dos eventos políticos e dos grandes personagens. Essa nova perspectiva permitiu aos historiadores explorarem uma gama mais ampla de temas, como a vida cotidiana, a mentalidade, as estruturas sociais e econômicas, utilizando diferentes tipos de fontes e metodologias.

José d'Assunção Barros (2020), em sua obra "O Campo da História"[1], destaca a importância das fontes históricas na pesquisa e produção do conhecimento histórico. Segundo o autor, as fontes são "vestígios do passado que permitem ao historiador reconstruir e interpretar os eventos históricos". Sem a existência de fontes, o historiador se veria impossibilitado de realizar sua tarefa de investigar e analisar o passado.

A análise de fontes históricas, como Mein Kampf, exige um olhar crítico e cuidadoso por parte do historiador. É preciso contextualizar a obra, identificar as estratégias discursivas empregadas pelo autor, e confrontar as informações com outras fontes e perspectivas historiográficas. O objetivo é construir uma interpretação fundamentada e contextualizada, que contribua para a compreensão do passado em sua complexidade.

A obra Mein Kampf foi produzida em um contexto histórico específico, marcado por crises e instabilidades. A Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial,

[1] **BARROS, José d'Assunção.** *O Campo da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

enfrentava uma profunda crise econômica, social e política. A derrota na guerra, as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes e a hiperinflação que assolava o país criaram um clima de descontentamento e frustração na sociedade alemã.

Nesse cenário de crise, surgiram diversos movimentos políticos que buscavam soluções para os problemas da nação. O Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler, se destacava por seu discurso ultranacionalista, antissemita e xenófobo. Hitler prometia resgatar a Alemanha da crise, restaurar sua grandeza e construir um novo império.

Mein Kampf, escrito durante o período de cárcere de Hitler após o Putsch de Munich, em 1923, reflete esse contexto de crise e instabilidade. A obra expressa a frustração de Hitler com a situação da Alemanha e sua visão de um futuro glorioso para a nação. O livro também revela o ódio de Hitler pelos judeus, a quem ele culpava pelos problemas da Alemanha.

A ascensão do nazismo na Alemanha não pode ser compreendida sem levar em consideração o contexto histórico em que se insere. A crise econômica, a instabilidade política e o sentimento de humilhação nacional criaram um ambiente propício para a ascensão de ideologias extremistas. Hitler, com seu discurso radical e sua promessa de redenção nacional, se aproveitou desse contexto para conquistar o apoio popular.

Em Mein Kampf, Hitler constrói uma autoimagem que o coloca como protagonista da história da Alemanha. Ele se apresenta como um herói nacional, um gênio incompreendido que luta para salvar a pátria. Sua narrativa autobiográfica é permeada por um discurso messiânico, que o coloca como o único capaz de liderar a Alemanha de volta à sua grandeza.

Hitler narra sua infância, sua juventude em Viena e suas experiências na Primeira Guerra Mundial. Ele se descreve como um jovem talentoso e ambicioso, que desde cedo se interessou por política e pela arte. Hitler também relata suas frustrações com a derrota da Alemanha na guerra e sua revolta contra o Tratado de Versalhes.

1- A HISTÓRIA DA ESCRITA DO LIVRO

A história, tradicionalmente concebida como uma ciência dedicada ao estudo do passado humano, transcende a simples cronologia dos acontecimentos. Ao estudar as ações humanas no tempo e no espaço, esta disciplina procura compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldaram as sociedades ao longo dos séculos. Neste contexto, as fontes históricas parecem ser elementos cruciais para a construção do conhecimento histórico. Definidas como vestígios de ações humanas, as fontes podem assumir diversas formas, desde documentos escritos e objetos materiais iconográficos, manifestações culturais e arquivos orais. A variedade de fontes à disposição dos historiadores expandiu-se significativamente ao longo do tempo, graças à influência de escolas historiográficas como os Annales, que desafiaram a ideia tradicional de que apenas documentos escritos oficiais poderiam ser considerados fontes históricas legítimas. A escola dos Annales, em particular, contribuiu para uma concepção mais abrangente das fontes históricas. Esta nova perspectiva permitiu aos historiadores explorarem uma gama mais ampla de tópicos e usar diferentes métodos para analisar o passado. As fontes históricas constituem um elemento central na metodologia da pesquisa histórica, conforme destacado por Barros (2020). Ao compará-las a 'visores do passado', o autor ressalta o papel das fontes como ferramentas indispensáveis para a análise e interpretação dos eventos históricos. Sem a existência de fontes, o historiador se veria impossibilitado de reconstruir o passado e de oferecer explicações plausíveis para os fenômenos históricos[2].

> A prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX. Na França, a terceira geração dos Annales realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza económica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha "novos objetos, problemas e abordagens". (PINSKY, et al., 2005.p112).

[2] Segundo Barros (2019, p. 15) “Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural.

Segundo José de Assunção Barros[3], o livro Mein Kampf (Minha Luta) de Adolf Hitler, pode ser utilizado em um exercício complexo de análise e reflexão, como fonte histórica, Barros, na sua análise, apresenta fortes argumentos para considerar Mein Kampf como uma fonte histórica crucial para a compreensão do nazismo. O autor apresenta inicialmente o contexto em que a obra foi produzida, enfatizando o período da prisão de Hitler após o Putsch de Munique. Essa circunstância, afirma Barros, confere ao texto um caráter único, revelando a origem e a evolução do pensamento de Hitler num momento de reflexão e consolidação ideológica. Além disso, Barros aprofunda sua análise examinando as estratégias discursivas empregadas por Hitler em Mein Kampf. O autor mostra como o líder nazista utilizou a linguagem como uma ferramenta poderosa para legitimar suas ideias, mobilizar as massas e construir um discurso de ódio dirigido às minorias e aos adversários políticos. Essa dimensão retórica do trabalho, segundo Barros, é essencial para compreender a ascensão do nazismo.

> A fonte histórica abordada – o Mein Kampf (1924) – foi redigida pelo chefe de Estado que, junto a tantos outros que com ele colaboraram, implantou na Alemanha de sua época um estado totalitário de extrema-direita, o qual pode ser responsabilizado por diversas das atrocidades cometidas durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). (BARROS, 2023, p.228).

O autor também chama a atenção para os desafios historiográficos inerentes ao estudo do Mein Kampf. O caráter ideológico e propagandístico do texto exige uma análise crítica e cuidadosa, capaz de distinguir fatos históricos, interpretações parciais e construções ideológicas. Apesar do conteúdo odioso e das distorções históricas presentes na obra, Barros afirma que Mein Kampf fornece rico material para a compreensão das origens e dos mecanismos de funcionamento do regime nazista, Barros afirma que as fontes históricas não costumam enunciar seu lugar de produção, o gênero do texto etc., mas ressalta que excepcionalmente a obra de Hitler compõe todos esses aspectos, Hitler anuncia, onde, quando e para quem está escrevendo seu livro logo na primeira página.

> As fontes históricas não costumam enunciar explicitamente os aspectos relativos ao seu ‘lugar de produção’, ‘circunstâncias’, ‘gênero’ de texto em que se enquadram, ou a que público receptor se destinam. Contudo, nesta fonte temos precisamente esta situação excepcional. Logo à entrada de

[3] José D’Assunção Barros. Mein Kampf: um texto nazista em seus dois momentos – uma abordagem do escrito de Hitler como fonte histórica. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v.1 n.71, p. 226-263, jan./jun 2023.

> Mein Kampf, seu autor se preocupa em situar bem claramente as circunstâncias de produção da obra: (BARROS, 2023, p.228).

Neste primeiro momento nos dedicaremos a história do livro. O livro Minha Luta oscila habilmente entre dois gêneros textuais distintos: doutrinário e autobiografia, o autor ao narrar episódios de sua vida, cria uma obra híbrida que não apenas descreve sua trajetória pessoal, mas também articula os objetivos e a visão central do movimento Nacional Socialista, nesse sentido, Minha Luta não se limita a ser uma simples autobiografia, mas também um manifesto ideológico. Ao longo do livro, Hitler não apenas compartilha suas experiências e influências pessoais, mas também descreve suas crenças políticas, teorias raciais e propõe um programa radical para a reestruturação da sociedade alemã.

> O gênero do texto exposto em Mein Kampf também é discutido na mesma passagem que destacamos anteriormente. Trata-se de uma obra doutrinária, como o próprio autor admite ao fixar como seus objetivos centrais prestar esclarecimentos sobre a finalidade do movimento nacional-socialista e oferecer um quadro do seu desenvolvimento. Não obstante, logo a seguir percebemos que se trata de um gênero híbrido, pois Hitler anuncia que também oferecerá uma descrição de sua vida. Deste modo, podemos situar a hibridez deste gênero na confluência entre o 'ensaio doutrinário' e a 'escrita de si' (categoria de fontes históricas que abarca gêneros textuais como os diários e as memórias). (BARROS,2023, p. 231).

Assim, a obra serve de guia aos seguidores do nazismo, descrevendo não só o processo do que viria a ser o Terceiro Reich, mas também os princípios e objetivos que considerava fundamentais para o futuro da Alemanha e segundo as suas ambições do mundo. A obra é escrita enquanto Hitler estava em seu período de cárcere, após o insucesso do golpe para a tomada do poder que ficou conhecido como o Putsch de Munich. Na obra, o autor narra sua infância, a vida de seus pais e seus insucessos na área das artes, mais tarde irá utilizar todo esse conhecimento artístico para a manipulação de propagandas. No decorrer da obra, Hitler apresenta claros sinais sobre sua aversão aos judeus, cita a questão do espaço vital e demonstra seu ultranacionalismo, o que veremos mais adiante.

O ano de 1923, um ano antes da produção do livro foi, extremamente desafiador para a Alemanha A crise que se seguiu à Primeira Guerra Mundial gerou uma significativa instabilidade econômica e política na Alemanha, marcada por uma profunda dificuldade em recuperar-se das consequências do conflito. O Tratado de Versalhes, assinado em 1919, impôs duras condições ao país, incluindo severas penalidades econômicas, militares e territoriais, o que resultou em um sentimento

generalizado de humilhação nacional. Essas imposições não apenas abalaram a confiança da população e das elites políticas, como também contribuíram para o agravamento da crise interna, criando um cenário de descontentamento social, radicalização política e dificuldades econômicas, como a hiperinflação e o desemprego em massa. O impacto do Tratado de Versalhes e as consequências da guerra estabeleceram as bases para a instabilidade política que caracterizou a República de Weimar, tornando o país vulnerável a movimentos extremistas e à ascensão de regimes autoritários nos anos seguintes. Durante esse período, emergiam regimes ditatoriais como o salazarismo, o franquismo e o fascismo, este último sendo admirado e seguido por Hitler, sendo assim, Minha Luta teve seus originais escritos na Alemanha em 1924, em meio ao contexto tumultuado dos eventos de 1923. Nas primeiras páginas do livro, Hitler expressa sua admiração pela grande Alemanha e o seu desejo de anexação da Áustria à grande nação alemã, Hitler, apesar de ser austríaco por nascimento, direcionava seu nacionalismo para a ideia da "Grande Alemanha".

> A Áustria alemã deve voltar a fazer parte da grande Pátria germânica, aliás sem se atender a motivos de ordem econômica. Mesmo que essa união fosse, sob o ponto de vista econômico, inócua ou até prejudicial, ela deveria realizar-se. Povos em cujas veias corre o mesmo sangue devem pertencer ao mesmo estado. (HITLER, 1983, p.15).

Hitler inicia a escrita do livro demonstrando seu grande apreço pela Alemanha e reforça seu nacionalismo nos trechos subsequentes, como quando declara: "Tornei-me nacionalista" (HITLER, 1983, p. 19). Outro fator importante para compreendermos a história do livro trata-se da predileção do autor pela oratória, ainda na casa paterna em um emaranhado de dúvidas sobre o que seria de seu futuro existe uma certeza aparente, o seu talento para os discursos, fator muito importante para a ascensão do regime nazista no futuro. [4]

O lugar de produção no qual foi gestada nossa fonte de estudos, teve suas origens antes mesmo do encarceramento de Hitler, as ideias ultranacionalista,

[4] [4] Os regimes totalitários que emergiam no período da escrita do livro como o Fascismo, Franquismo e Salazarismo eram sistemas políticos autoritários que se baseavam no totalitarismo. Eram sistemas políticos caracterizados pelo controle absoluto de um líder ou de um partido sobre uma nação, esses regimes suprimiam a oposição política, e reprimiam os direitos individuais e utilizavam-se da propaganda para manipular a opinião pública, podemos ver claramente esse método na construção e consolidação do nazismo. Hitler utilizava intensamente a propaganda para propagar seu regime, controlando a informação e manipulando a opinião pública para fortalecer seu poder e suprimir qualquer forma de oposição.

xenófobas e antissemitas começam a se formar por volta de 1919. Esses conceitos ganharam importância na Alemanha após o fim da Primeira Guerra Mundial e a imposição do Tratado de Versalhes. Neste contexto, Hitler, então espião e delator do Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), envolveu-se em movimentos ultranacionalistas. A escrita do livro foi viabilizada pelo ambiente relativamente confortável que Hitler desfrutava na prisão, onde tinha acesso a condições privilegiadas, como uma cela privada, materiais de escrita e tempo livre suficiente para se dedicar à redação. Embora estivesse encarcerado, ele tinha a possibilidade de se reunir com seus assessores, receber visitas e até mesmo continuar a desenvolver suas ideias políticas com relativa liberdade, o que facilitou sua produção literária. A mesa e a máquina de escrever utilizadas por Hitler para redigir o primeiro volume de Mein Kampf durante seu encarceramento de apenas nove meses tornaram-se símbolos do início triunfante da jornada do regime nazista.

> Com relação aos lugares imediatos de produção de Mein Kampf e suas circunstâncias, é preciso assinalar, já de saída, que a obra possui dois volumes distintos e compostos em circunstâncias diversas. O primeiro volume foi ditado e digitado em 1924, ao longo dos nove meses em que Hitler esteve preso em Landsberg em decorrência de sua condenação pelo “golpe da cervejaria” (BARROS,2023, p. 238).

Além das condições confortáveis de Hitler durante seu período na prisão, propícias à escrita de seu livro, ele também foi exposto a uma grande variedade de escritos que influenciaram seu pensamento, embora suas crenças já estivessem se formado durante esse período, Mein Kampf foi revisado por uma equipe, sofrendo ajustes de pontuação e gramaticais, no entanto, estas intervenções não alteraram a essência das ideias de Hitler expressas na obra. Estes aspectos sublinham que a escrita de Mein Kampf não só refletiu as crenças profundamente arraigadas de Hitler, mas também recorreu a influências significativas de outros autores e foi apresentada ao público através de um processo editorial. Mein Kempf é uma fonte histórica significativa que foi moldada em um contexto histórico de crises econômicas e sociais o que propiciou sua aceitação e aos ideais nazista, O livro não teve bons números de venda após sua publicação em 1925 e só ganhou notoriedade de fato, quando Hitler subiu ao poder em 1933. Foi concebido como um instrumento político difundindo os ideais nazista, e se tornou praticamente uma leitura obrigatória para o povo alemão, a obra foi distribuída em toda a Alemanha pelos nazistas o que potencializou a adesão ao regime.

A obra é percebida de maneiras distintas em dois períodos diferentes. O primeiro momento é quando Hitler ainda está em ascensão ao poder após o lançamento do livro, a obra teve pouca notoriedade e pouco número de vendas, o segundo momento é quando Hitler sobe ao poder em 1933 consolidando seu regime, nesse segundo momento o livro passa a ser visto de outra perspectiva, e se torna a “Bíblia Nazi”. Como já citado, o livro apresenta um conteúdo doutrinário seus escritos apesar da sua popularidade em toda Alemanha após 1933 tem um leitor bem definido, jovens que são familiarizados com as ideias nazi e indivíduos de extrema direita e ultranacionalista, apesar disso a obra é distribuída em toda a Alemanha tornando-se um livro obrigatório, eram distribuídos em empresas, para recém-casados e alunos recém-formados, a parti disso o livro se torna um símbolo central do regime nazista. O livro conta com diversos públicos de leitores pelo mundo afora, mas nesta pesquisa a obra será utilizada de forma historiográfica e científica visando compreender a ascensão e consolidação de um regime ideológico totalitário, preconceituoso e xenófobo. Jose de Assunção Barros assegura a legitimidade da obra como fonte histórica e discorre sobre o tema.

> Há também, pelo mundo afora e em vários momentos no tempo, outro tipo de leitor que adquire o livro em suas traduções para outros idiomas. Além dos curiosos e daqueles que desejam estudar o fenômeno de um ponto de vista historiográfico e científico – com vistas a entender como foi possível a emergência histórica de um regime desumano e intolerante como o nazista – existem os leitores de ultradireita que pretendem fundar caminhos similares ao nazismo em seus países. Um pequeno segmento de ativistas de ultradireita dos Estados Unidos da América adota a suástica, e mesmo na França – país inimigo mais deplorado pelo Mein Kampf – surgirão segmentos nazistas, inexpressivos, mas ruidosos. No futuro, a obra atrairá neonazistas de todos os tipos e em diversos países. Conforme se vê, o Mein Kampf oferece, aos seus vários tipos de leitores, respostas locais e temporalmente localizadas que atendem a questões que pulsam em sua própria época – buscando preencher uma inquietação sobre porque a Alemanha teria perdido m mencontrar – e também respostas que se estendem no tempo, passíveis de serem reapropriadas por outros movimentos de ultradireita que já nada mais têm a ver com a Alemanha de Hitler. (BARRROS, 2023, p.249).

1.1. A AUTO IMAGEM DE HITLER

Em sua obra, Adolf Hitler constrói autoimagem de herói e salvador da Alemanha. O título em si sugere uma narrativa de luta pessoal em prol da nação, com o objetivo de alcançar o poder e reerguer a Alemanha. O nazismo emergiu em um contexto de extrema crise econômica e política, o que favoreceu a crença na necessidade de um salvador nacional. Hitler se posiciona como esse salvador e

utiliza essa narrativa para justificar suas ações e atrair apoio. Nas primeiras páginas da obra, Hitler se apresenta como um orador promissor: "Eu creio que já nessa época meu talento verbal se adestrava nas discussões com os camaradas" (HITLER, 1983, p. 16). Essa autoimagem como orador eficaz é parte de sua construção de perfil irrefutável de liderança, que visa reforçar sua posição como alguém destinado a guiar a Alemanha rumo à sua suposta redenção.

O segundo capítulo da obra tem como título “Anos de Aprendizado e de Sofrimento em Viena”. Ao analisarmos o título, podemos verificar a auto vitimização que Hitler promove em suas palavras. No decorrer do capítulo, o autor utiliza suas experiências pessoais para moldar sua autoimagem de herói e salvador. Nas primeiras páginas do segundo capítulo, Hitler discorre sobre seu insucesso ao tentar ingressar na Academia de Belas Artes. Ao longo do texto, ele usa a vitimização como sua aliada, fazendo com que o leitor o veja como um jovem bom e humilde que não teve oportunidades e que acabou indo para Viena por falta de alternativas. Ele enfatiza o quanto sofreu durante sua permanência na cidade.

> Cinco anos de miséria e de sofrimentos, eis o que significa a minha estadia nessa cidade de prazeres. Cinco anos em que primeiro como ajudante de operário, depois como aprendiz de pintor, vime forçado a trabalhar como pelo pão quotidiano, mesquinho pão que nunca bastava para saciar minha fome habitual. A fome era então minha companheira fiel e nunca me deixava sozinho e que de tudo igualmente participava. (HITLER, 1983, p. 26).

Ao analisarmos esse trecho, observamos como Hitler assume uma postura de vulnerabilidade, buscando a identificação do leitor com seu sofrimento. Ao enfatizar os 'cinco anos de sofrimento' como um período extremamente longo, ele evoca a imagem de alguém que experimentou angústia profunda e prolongada. A recorrente utilização de hipérboles intensifica essa percepção, reforçando a ideia de um sofrimento desmedido, ao descrever seus trabalhos, Hitler estabelece uma conexão com o leitor ao mencionar suas experiências como “aprendiz de pintor” e “ajudante de operário”. Dessa forma, ele consegue criar uma imagem de si mesmo como alguém acessível e semelhante ao público, como se estivesse proclamando: “Sou assim como vocês, tive minhas lutas e passei por momentos difíceis. Por isso, quero tirar a grande nação alemã da crise.” Essa abordagem visa incitar a empatia do leitor ao personificar a fome como uma 'fiel companheira' e ao descrever a luta pela subsistência com a expressão 'pelo mesquinho pão que nunca bastava'. A organização cuidadosa das palavras e o uso de hipérboles intensificam a percepção

do sofrimento, construindo uma imagem vívida de privação. Hitler, mestre da retórica, empregava sistematicamente um discurso hiperbólico tanto em suas falas quanto em seus escritos, sempre com um ar de autoridade e altruísmo. Seus pronunciamentos, permeados por um forte nacionalismo, reforçavam a ideia de que todas as suas ações visavam o bem da nação alemã.

No segundo capítulo de sua obra, Hitler demonstra o objetivo claro de mobilizar as massas. Ao narrar suas experiências de pobreza em Viena, ele estabelece uma conexão direta com as camadas mais desfavorecidas da sociedade. Essa autodescrição como alguém que vivenciou a miséria serve como base para a afirmação de que a compreensão profunda das dinâmicas sociais só é possível através da experiência pessoal na classe baixa. Desse modo, Hitler deprecia as análises de quem nunca vivenciou a pobreza, caracterizando-as como hipócritas e superficiais, incapazes de apreender a complexidade da questão social. Hitler em alguns trechos critica a elite social, dizendo que são incapazes de compreender a realidade das camadas mais baixas, os temas que são abordados nessa sessão da obra visa de fato criar ligação com as massas para disseminar logo mais o seu regime, a imagem de alguém que veio de uma camada baixa gera uma ligação para quem se encontra de fato nesse cenário.

Ainda no segundo capítulo de Mein Kampf, Adolf Hitler apresenta um retrato intenso da classe trabalhadora de Viena, ressaltando as dificuldades financeiras e as privações diárias que essa parte da população enfrentava. Com uma linguagem carregada de emoção e descrições minuciosas, ele tenta se posicionar como um observador atento e genuinamente afetado pela miséria que presencia. A forma como Hitler aborda a escassez de alimento na mesa dos operários, a insuficiência dos salários para sustentar suas famílias e a fome persistente que atinge tanto adultos quanto crianças ilustra sua habilidade retórica de suscitar a compaixão do leitor, ao dar um rosto humano à experiência da pobreza e ao se apresentar como alguém que compartilha desse sofrimento. “Cinco anos de miséria e sofrimentos, eis o que significa a minha estadia nessa cidade” (HITLER,1983, p.26). “Além do meu trabalho em construções, das raras visitas à opera, feitas com o sacrifício do estomago, tinha como único prazer a leitura” (HITLER,1983, p.26). Hitler mobiliza o sentimento de empatia do leitor ao narrar sua própria experiência de fragilidade e

miséria, ao mesmo tempo em que destaca a situação socioeconômica de Viena. Essa abordagem evidencia sua compreensão das questões sociais da época, sugerindo que um líder eficaz deve estar sintonizado com as realidades enfrentadas pela população. Esse aspecto retórico é crucial para entender como ele se posicionava como uma figura que poderia, supostamente, representar e entender as aspirações e sofrimentos do povo “Não sei o que é mais desolador: a indiferença pela miséria social que se nota diariamente na maioria dos que foram favorecidos pela sorte ou que subiram pelos próprios méritos, ou a afabilidade soberba” (HITLER,1983, p.28). Assim Hitler consegue estabelecer uma forte conexão emocional com seu público-alvo. A habilidade de Hitler em se relacionar com as massas, aproveitando a sensação de fragilidade e o desejo por transformação, é um exemplo de um "trick político"[5] tradicional que se revelou eficiente ao longo da história. Ao se apresentar como um paladino dos desfavorecidos, o líder populista acaba conquistando a confiança e a fidelidade de seus apoiadores.

> Eu não sei o que naqueles tempos mais me horrorizava, se a miséria econômica dos meus camaradas, se a sua grosseria espiritual e moral e o nível baixo de sua cultura. Quantas vezes não se tomava de cólera a nossa burguesia, quando de boca de algum miserável vagabundo, ouvia a declaração de que lhe era indiferente ou ser ou não alemão, contanto que ele tivesse a sua subsistência garantida! (HITLER, 1983, p.31).

Hitler expressa um nacionalismo intenso, que aparece de forma constante em suas palavras e escritos. Ao investigar as razões por trás da aparente ausência de nacionalismo entre os habitantes de Viena, Hitler constrói uma narrativa densa que visa simultaneamente promover sua própria imagem e criticar as estruturas sociais e políticas existentes. O autor atribui a carência de um sentimento nacionalista à marginalização social e econômica, especialmente entre os mais jovens. Segundo Hitler, a fome, a pobreza e a instabilidade financeira criam um clima propício à apatia e ao desencanto, dificultando o desenvolvimento de um sentido de pertencimento à nação. Embora essa análise seja superficial e utilizada para seus

[5] De acordo com o dicionário, populismo é uma prática política que defende os interesses das classes de menor poder econômico, visando conquistar a simpatia e a aprovação popular. Em síntese, trata-se de conquistar o afeto e a aceitação do povo. Essa técnica foi amplamente utilizada ao longo da história e continua a ser relevante na contemporaneidade. O populismo manifestou-se em diversas ocasiões, incluindo no Brasil durante a Quarta República, ou República Populista, que ocorreu entre 1946 e 1964 e foi marcada pela presença de líderes como Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek. Getúlio Vargas é um dos principais representantes do populismo brasileiro, especialmente em seus dois mandatos, de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Durante seu governo, estabeleceu uma forte conexão emocional com as massas, apresentando-se como um "pai dos pobres" e defensor dos interesses das classes de menor poder econômico.

fins políticos, ela revela uma tentativa de entender as origens do descontentamento popular e de se posicionar como um defensor dos marginalizados. Quando Hitler menciona que a "nacionalização de um povo deve iniciar pela criação de condições sociais", ele expõe uma tática intencional para questionar o sistema da época e se relacionar com os indivíduos em condições de marginalização. Ao longo do capítulo, ele faz críticas incisivas ao sistema socioeconômico vigente, colocando-se no lugar dos excluídos, com o objetivo de gerar uma conexão e uma sensação de proximidade com o público que almeja alcançar. Essa estratégia tem como objetivo evidenciar uma compreensão profunda das dificuldades enfrentadas pelos grupos não privilegiados, ao mesmo tempo em que fortalece a noção de que seu governo pode oferecer respostas a essas questões. A elaboração de uma narrativa que relaciona a ausência de nacionalismo às condições sociais difíceis e à marginalização faz parte de uma tática mais abrangente: assegurar a aceitação e o crescimento do seu regime. Hitler emprega essa retórica para legitimar suas propostas e conquistar apoio, posicionando-se como um líder ciente e capaz de solucionar os problemas que afligem a população.[6]

A propaganda desempenharia um papel central no regime nazista, sendo essencial para a sua ascensão, aceitação e consolidação. Este aspecto já é claramente revelado em Mein Kampf, especialmente no segundo capítulo, que fornece uma base sólida para a análise do comportamento e da política de Hitler. Neste capítulo, Hitler, que inicialmente se apresenta em uma posição vulnerável, aos poucos apresenta seu crescimento social. Passa da condição de operário e ajudante

[6] A autoimagem e a autopromoção que Hitler construiu durante esse período foram cruciais para a ascensão do seu regime. A obra, que acabou por ter grande sucesso comercial e grande importância para a nação alemã, formou-se num contexto de consequências significativas para a imagem de Hitler, especialmente após o fracasso da sua prisão pela fábrica do golpe de Estado. O segundo capítulo, que analisamos nesta seção, desempenha um papel estratégico na aproximação de Hitler ao leitor, criando uma conexão emocional e pessoal. Neste capítulo, Hitler adota uma abordagem que visa construir um relacionamento com o seu público, apresentando o seu sofrimento como um sacrifício para o bem maior da nação. Ele descreve o seu sofrimento não apenas como consequência das condições impostas pelo estado atual, mas como parte de um objetivo maior: a ascensão do seu regime. A narrativa de Hitler procura mostrar que o seu sofrimento é justificado e que ele está empenhado em colocar a grande pátria alemã e os seus cidadãos em primeiro lugar. Assim, ele também quer que o golpe fracassado seja visto numa perspectiva altruísta, como um ato de dedicação à causa nacional. Este período em que Hitler esteve na prisão foi um alicerce fundamental para o amadurecimento de suas ideias e do seu regime. Isso se reflete claramente em sua obra. O autor busca estabelecer uma relação emocional e pessoal com o leitor, com o intuito de transmitir emoções ao seu futuro público. Embora, nesse momento da escrita do livro, o regime ainda estivesse em gestação e as questões propagandísticas que mais tarde seriam pilares do regime não estivessem totalmente em vigor, uma análise revela que Hitler já estava produzindo uma forma de propaganda sobre si mesmo.

de pintor à de pintor, o que lhe deixa mais tempo para se dedicar à arte e aos estudos. Quando Hitler fala sobre seus estudos, ele se apresenta como um intelectual. Isto sugere que ele, além de compreender os problemas sociais e econômicos das classes mais baixas, também está imerso em questões sociais e políticas. Este retrato de um indivíduo de aperfeiçoamento intelectual e social serve para apresentá-lo como uma figura completa e competente, pronta para representar a grande pátria alemã no futuro. Embora Hitler ainda não tenha declarado explicitamente as suas aspirações de se tornar Führer e líder absoluto, é claro que o seu discurso é estrategicamente concebido para ver o presente e o futuro. Os sofrimentos e dificuldades relatados pretendem criar uma conexão emocional com o leitor, especialmente aqueles que enfrentam a pobreza e a marginalização. Esta abordagem visa conscientizar e envolver o público atual. Ao mesmo tempo, a narrativa do sofrimento e da devoção serve um propósito de longo prazo. Quando o regime de Hitler se consolidasse, estas referências ao seu sofrimento seriam utilizadas para legitimar a sua posição como líder e justificar a sua ascensão. O discurso em profundidade e a construção da sua imagem de sacrifício e competência pretendem não só mobilizar apoios durante a sua ascensão, mas também fortalecer retrospectivamente a sua legitimidade e autoridade. Desta forma, as palavras de Hitler servem tanto para construir a sua base de apoio no presente como para reforçar o seu estatuto como líder supremo e ideal de uma Alemanha maior no futuro.[7]

> Eu pintava para ganhar o pão e estudava por prazer. Assim foi possível as minhas observações sobre a questão social juntar o complemento teórico indispensável. Eu estudava quase tudo que sobre esse assunto se podia assimilar em livros, dando assim as minhas próprias ideias base mais sólida. (HITLER, 1983, p.34)

No seu livro, Hitler voltou-se firmemente para o marxismo e o bolchevismo, ideologias que considerava abertamente hostis à pureza nacional e à integridade cultural da Alemanha. Utilizou-se do seu discurso de recusa para fortalecer ainda mais sua autoimagem e o seu regime, quando de forma imponente discorre sobre essas ideologias, com uma vívida repulsa ao que é mostrado e como as massas são incitadas a manipulação sempre remetendo a sua indignação a forma como essas

[7] Führer: é um termo alemão que tem por significado “guia” “líder” Hitler utilizava-se desse termo para a afirma seu poder sobre a Alemanha. O termo é associado à sua posição de autoridade absoluta e ao papel central que desempenhou na governança da Alemanha nazista.

ideologias atingiam o povo negativamente em sua concepção. Hitler expressou profundo desprezo por estas ideologias, descrevendo-as como forças demoníacas que ele acreditava terem sido concebidas para prejudicar e enganar a população. Ele descreve o marxismo e o bolchevismo como distorções malignas que contaminam instituições essenciais como a escola, a nação e a pátria, provocando a sua indignação. Hitler afirmou que já havia acreditado na social-democracia, mas depois seus olhos se abriram para o que ele via como os danos causados por essas ideologias. Afirma que essas correntes ideológicas representam uma ameaça que distorce o que considera elementos puros e fundamentais da sociedade. Na sua retórica, Hitler denunciou estas ideologias como práticas intolerantes de doutrinação e afirmou que o seu trabalho de construção da nação era uma resposta direta a estas ameaças. O discurso de Hitler pretende apresentar uma narrativa da luta pela grande pátria, se posiciona como um líder dedicado, colocando os seus interesses e ideais nacionais acima de todas as considerações pessoais. Ele usa uma frase para alertar as massas sobre os perigos da ideologia que critica: “A psique das massas é tal que não se deixar influenciar por meias medidas, por atos de fraqueza” (HITLER, 1983, n.p.). Esta declaração pode ser interpretada como um aviso de que as massas não devem ser enganadas por compromissos ou fraquezas parciais, enfatizando a necessidade de uma ação decisiva e unificada. Esta abordagem retórica de Hitler não visa apenas desacreditar o marxismo e o bolchevismo, mas também atrair a atenção das massas às ameaças externas que descreve, desviando a atenção dos potenciais críticos do seu regime. A análise do discurso revela uma estratégia manipuladora que utiliza a retórica do perigo e da pureza para consolidar a sua posição e fortalecer o seu controle sobre a população. Este fenômeno ilustra como os regimes totalitários projetam frequentemente as suas críticas e medos sobre os seus inimigos externos, ao mesmo tempo que tentam consolidar o seu poder interno e desviar a atenção dos aspectos mais problemáticos das suas políticas.

> Ali tudo se negava: a nação era uma invenção das classes capitalistas (que número infinito de vezes ouvi essa palavra!); a pátria era um instrumento da burguesia para a exploração das massas trabalhadoras; a autoridade da lei era simples meio de opressão do proletariado; a escola era o instituto de cultura do material escravo e mantedor da escravidão; a religião era vista como meio de atemorizar o povo para melhor exploração do mesmo; a moral não passava de uma prova estupida paciência de carneiro de povo. Não havia nada, por mais puro, que não fosse arrastado na lama mais asquerosa. (HITLER, 1983, p. 37).

1.2 A CRISE PÓS-GUERRA E A ASCENSÃO DO NAZISMO

A Alemanha foi um dos países envolvidos no conflito global que começou em 1914, após o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria-Hungria, e durou até 1918. A Primeira Guerra Mundial foi causada por uma série de fatores complexos, incluindo disputas imperialistas, uma intensa corrida armamentista e a exasperação do nacionalismo. A Alemanha, que fazia parte da Tríplice Aliança, composta também por Áustria-Hungria, Itália e Império Otomano, enfrentou as potências da Tríplice Entente, composta por França, Reino Unido e Rússia. O conflito desenvolveu-se em duas fases principais. A primeira fase, conhecida como Guerra de Movimento, envolveu a rápida ofensiva das tropas alemãs que avançavam para a França. No entanto, esta fase foi rapidamente substituída pela guerra de trincheiras, caracterizada por um combate prolongado em amplas linhas de trincheiras escavadas no solo, que proporcionam proteção contra-ataques inimigos. O conflito terminou oficialmente com a assinatura do Tratado de Versalhes em 1919[8]. Este tratado impôs condições duras à Alemanha, incluindo a aceitação total da responsabilidade pela guerra, o pagamento de pesadas reparações aos países vitoriosos e a devolução de territórios como à Alsácia-Lorena na França. Estas imposições contribuíram para a instabilidade econômica e política na Alemanha. As humilhações e dificuldades impostas pelo Tratado de Versalhes foram fatores decisivos que ajudaram a criar um ambiente favorável para a ascensão de movimentos extremistas, como o Partido Nazista. O descontentamento criado pelo tratado e a crise econômica que se seguiu foram fatores importantes que facilitaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Assim, a Primeira Guerra Mundial e as suas consequências desempenharam um papel importante no fomento do conflito global subsequente.

A nação alemã saiu destruída especialmente no quesito moral da Primeira Guerra mundial, resultando em um forte sentimento de humilhação nacional, após o

[8] O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando ocorreu em 28 de junho de 1914, em Sarajevo, e tornou-se o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial. A grande guerra teve fim com a assinatura do Tratado de Versalhes, que foi formalmente assinado em 28 de junho de 1919, encerrando assim o conflito que impactou profundamente a Europa e o mundo.

Tratado de Versalhes[9], o que acarretou uma intensa crise econômica e política, desestabilizando profundamente o sistema social. É neste contexto de crise e instabilidade que surgiram regimes totalitários em muitos países europeus, incluindo o nazismo. O sistema de Adolf Hitler e a sua figura ganharam fama durante a queda da Alemanha após a primeira grande guerra. A nação enfrentou uma crise econômica devastadora e um sentimento de desespero generalizado, criando uma grande procura de soluções que prometiam restaurar a estabilidade e a grandeza nacional. O discurso persuasivo de Hitler, aliado ao desejo urgente de encontrar uma saída para a crise, foi crucial para conquistar o apoio popular e fazer com que a população apoiasse as propostas para o futuro Terceiro Reich. Contudo, a ascensão do regime nazi e o reconhecimento do Holocausto não podem ser atribuídos apenas à crise económica. Embora a crise tenha certamente criado um ambiente favorável ao totalitarismo, a aceitação das políticas de Hitler e a confiança nas suas propostas envolvem uma série de fatores adicionais. A adoção de políticas antissemitas e a implementação do Holocausto foram facilitadas não só pela necessidade de resolver problemas econômicos e sociais, mas também por uma construção ideológica que proporcionou uma narrativa mobilizadora e coerente para a população. Portanto, a questão vai além da crise econômica e inclui as dimensões ideológicas, sociais e políticas que foram fundamentais para a adesão ao regime nazi e às suas políticas genocidas.

Pode-se imaginar que a crise que a Alemanha enfrentava nesse período foi um agente catalisador para a ascensão do regime nazista e a propagação da sua ideologia, porém o cenário de crise que a Alemanha enfrentava não pode ser visto como um fator determinante para a promoção do genocídio e ascensão do regime nazista, o alto sentimento de revanchismo e alguns aspectos nesse sentido, podem ser utilizados para “justificar” a adesão da população a esse regime. Segundo Jacques Sémelin, na sua obra Purificar e Destruir, não se pode levar em consideração somente o fator econômico para a promoção da violência e do massacre, afirma que todas as nações em crise econômica ou miséria estão propensas a produzir massacres é um equívoco, evidentemente trata-se de um fator

[9] Tratado de Versalhes, que foi formalmente assinado em 28 de junho de 1919, encerrando assim o conflito que impactou profundamente a Europa e o mundo. Portanto, 28 de junho é um Lugar de Memória reforçado na assinatura da rendição da França, na visita de Bono Vox e Mitterrand a Sarajevo, por exemplo.

relevante mas, não determina o genocídio, outro fator que é apontado pelo autor trata-se da super população o que pode comprometer o Espaço Vital[10], porém esse argumento não tem bases sólidas, um comparativo simples nos revela que na Alemanha a quantidade de judeus equiparado a quantidade de alemães não judeus é insignificante, em 1920 os judeus somavam um total de 0,76% da população total, uma quantia inócua. O genocídio não pode ser atribuído somente a fatores econômicos e sociais.[11]

> Com efeito, não havia como a fraca minoria judia do país (520.000 pessoas, ou seja, 0,76% da população total) ameaçar demograficamente a esmagadora maioria de alemães não-judeus. Naquele caso, a estatística em nada ajudou a compreensão do crescimento potencial do antissemitismo. (SÉMELIM 2009, p.32).

O pós-guerra foi um período traumático para a Alemanha a desesperança econômica e política afligia a população, a nação enfrentava um “traumatismo coletivo” [12] e passava por uma crise moral que também afetava a psique nacional, existia uma fragilidade não só econômica e social mais também psíquica, Hitler surge dentro desse cenário como uma espécie de salvador, esse fator foi essencial para a ascensão do regime nazi. “Serão, precisamente os agentes sociais e políticos que, com seus discursos e ações, vão se encarregar das emoções coletivas” (SÉMELIN, 2009, p.38). Hitler em sua obra sempre se intitulou como um

[10] "Espaço Vital", ou "Lebensraum" em alemão, refere-se ao conceito que designa a necessidade de expansão territorial da Alemanha, visando garantir o bem-estar e o pleno desenvolvimento da chamada "raça superior". Esse termo ganhou destaque com a ascensão do regime nazista, sendo utilizado por Adolf Hitler para fortalecer seu discurso eugenista. Hitler argumentava que a raça ariana necessitava de um espaço vital para se perpetuar, evitando a "contaminação" por outras etnias que eram consideradas inferiores, especialmente os judeus. Dentro da ideologia nazista, o conceito de espaço vital serviu como uma justificativa para políticas expansionistas e agressivas, refletindo uma visão racista e nacionalista que legitimava a invasão de países e as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, o espaço vital tornou-se um elemento central na fundamentação das ações do regime nazista, sendo intrinsecamente ligado à sua política de extermínio e subjugação de povos considerados inferiores.

[11] Terceiro Reich é o termo utilizado para designar o governo de Adolf Hitler. A palavra "Reich," de origem germânica, pode ser traduzida como "império" ou "nação." A história da nação alemã é marcada por três grandes períodos governamentais, conhecidos como Reichs. O Primeiro Reich refere-se ao Sacro Império Romano-Germânico, que teve início em 962 e perdurou até 1806, destacando-se por sua longa duração. O Segundo Reich emergiu com a unificação da Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana, abrangendo o período de 1871 a 1918. Finalmente, o Terceiro Reich, que se estendeu de 1933 a 1945, corresponde ao regime nazista liderado por Hitler. . Ele é Chanceler da República de Weimar (janeiro de 1933) e implanta o III Reich em agosto de 1934.

[12] Trata-se de um fenômeno no qual uma toda a sociedade é impactada por um evento ou uma sequência de eventos traumáticos, resultando em um efeito psicológico intenso e duradouro no grupo social. Esse conceito é amplamente debatido nas áreas da psicologia social e sociologia, sendo essencial para entender como as sociedades enfrentam crises e desastres.

propenso orador, e apesar de ter escrito dois volumes de “Mein Kampf” tinha mais intimidade com a palavra falada do que com a palavra escrita, segundo Sémelin esse é um ponto crucial para transformação da angústia coletiva gerando através dos discursos referencias imagéticas de um inimigo o qual é culpabilizado por toda a situação, nesse caso o “inimigo” que Hitler demoniza tanto nos seus discursos quanto na sua obra trata-se dos judeus.

1.3 A QUESTÃO DO OUTRO

Para entendermos a culpabilização em que Hitler atribuía aos judeus voltaremos ao contexto da américa espanhola, Todorov em sua obra A Conquista da América: O Problema do outro, analisa o encontro entre conquistadores espanhóis e os nativos americanos, o autor considera um encontro intercultural e complexo. Os espanhóis ao chegarem às Américas ficaram encantados pela cultura, as construções e os costumes dos nativos que ali habitavam, o exotismo e a riqueza material da civilização americana fascinaram os espanhóis, em uma passagem da obra Todorov cita Hernán Cortes, que expressa confusão sobre a organização social e o progresso tecnológico dos povos indígenas, demonstrando admiração superficial por suas conquistas materiais, sem reconhecer plenamente sua humanidade. A busca por riquezas e lucros rápidos levou a exploração desenfreada, gerando uma mentalidade predatória resultando na total desestabilização dos ecossistemas locais, culminando em atrocidades que levaram aos genocídios dos nativos americanos. A relação entre a colonização da américa e a aversão de Hitler aos judeus é notável ao considerar o conceito “o problema do outro”, assim como na colonização na qual os espanhóis não enxergavam a humanidade e a individualidade dos nativos americanos respeitado sua alteridade, Hitler também não enxergava os judeus como indivíduos repletos de particularidade, cultura e alteridade negando sua humanidade, Hitler deixa claro em diversas passagens de sua obra o desprezo que tem pelo judeus, tanto na colonização das Américas quanto no regime nazi vemos a “desumanização” do outro, consequência da visão distorcida e desumanizadora que leva a “justificação” da perseguição e do genocídio.

O “outro” passa a ser percebido como “eles” e não podem fazer parte do “nós” disso a identidade particular do “outro” não existe mais, e ele passa a ser percebido dentro do grupo, ou seja, não existe mais alteridade e individualidade para esse

indivíduo agora ele faz parte de um conjunto maior que é hostilizado pelas pequenas diferenças que lhe são atribuídas pelo “nós”. “Com efeito, nem é tanto a diferença em si que cria o conflito, mas a percepção particular dessa diferença” (SÉMELIM, 2009, p.56). O “outro” é personificado em um inimigo do imaginário, que é disseminado, a hostilização que é atribuída ao indivíduo que passou a ser percebido como “outro” parte de características que podem ser culturais, religiosas e até mesmo étnicas, o medo e a angústia são suportes para construções imagéticas desse “outro”, Hitler utilizasse do conceito imagético da pureza da “raça” ariana, ao categorizar a “raça” ariana como o ideal, e que todas as outras etnias que fogem desse padrão são consideradas impuras, logo o conceito de pureza está associado diretamente a impureza do “outro”, que é colocado em uma posição de ódio e repulsa. Ao analisarmos a obra escrita por Hitler verificasse uma profunda análise dos judeus, sempre se referindo a eles como “raça diferente”, Hitler menciona que a “raça” judaica nada tinham em comum com os alemães “Já agora, para qualquer parte que me dirigisse, eu via judeus e quanto mais os observava mais firmemente convencido ficava de que eles eram diferentes das outras raças”. (HITLER,1983, p.47). Para o autor a moral e a pureza do povo judeu eram totalmente questionáveis, e a simples aparência física deles provocava profunda aversão em Hitler. No discurso eugênico os “inferiores” judeus não podiam contaminar o sangue dos “superiores” raça ariana, percebesse de forma clara que uma das bases principais que tange o regime nazista é a aversão e segregação dos judeus.

> Seu objetivo era edificar a nação alemã como um império soberano ao pregar a criação de uma raça ariana, pura e superior às demais. Sua sede por dominação levou a uma implacável perseguição de grupos considerados pertencentes a raças inferiores, em particular aos judeus, deficientes, comunistas e eslavos (FERREIRA et. all, 2014, p. 2).

Sémelim explica em sua obra que o processo de desumanização do outro frequentemente passa pela animalização, isto é, utilizando-se de expressões que remetem a animais para afirmação da inferioridade do outro, por exemplo em Mein Kampf Hitler se refere aos judeus como “vermes nos corpos putrefatos” esse processo de animalização do inimigo gera a necessidade de exterminação e limpeza, ora qual indivíduo pode conviver com vermes, insetos ou parasitas? Daí surge a urgência da purificação. A animalização é um dos fatores que tange o processo de purificação, outro fator importante é o inimigo, mas, não o inimigo diferente e sim o inimigo semelhante, esse inimigo trata-se do igual que passa a ser

considerado um traidor, a purificação do inimigo diferente o “outro”, é diferente da purificação do inimigo semelhante, o primeiro trata-se de uma purificação de identidade, ele é diferente e inferior e não deve vigorar no meio para não haver contaminação da raça superior, já o inimigo semelhante se dá com a purificação política, é preciso ser feito uma varredura pois a uma diferença dos que são nossos e os que estão conosco, ou seja todos que não favorecem o sistema e não compactuam e ajudam o inimigo diferente passa a ser um inimigo também, logo deve ser eliminado, o processo de eliminação do inimigo semelhante é tão violenta quanto a do “outro” e igualmente se associam a animalização. Em detrimento do fator da purificação durante o regime nazi os judeus passaram por um processo de segregação, em 1935 foram promulgadas duas leis conhecidas como Leis de Nuremberg, e tinham seu embasamento na ideologia nazista (a) Lei de Cidadania do Reich (b) Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã, a primeira tinha como objetivo identificar os judeus, segundo essa lei, eram considerados cidadãos somente quem tinha sangue ou ascendência alemã, ou seja, a lei definia quem era alemão e quem era judeu, pessoas com três ou mais avós de ascendência judaica eram consideradas judias por lei, independentemente de seguir os costumes ou as práticas religiosas uma vez que a ideologia nazista não condenava a religião e sim a “raça” judaica, a segunda lei proibia o casamento entre judeus e cidadãos alemãs, não podendo sequer haver relações sexuais entre esses dois grupos o objetivo era não poluir a “raça ariana” . Hitler acreditava piamente na superioridade ariana, e inferioriza todas as outras etnias e cultura que ele se refere como “raça” nas passagens de sua obra, ele discorre explicitamente sobre a sua convicção assegurando que o povo ariano desde os tempos remotos tem exercido sua superioridade e os descreve como a primeira classe.

2- A RECUSA DE HITLER AO MARXISMO E BOLCHEVISMO

Rostos magros,
Olhos apagados,
Lábios frios,
Silencio,
Um coração partido,
Sem ar,
Sem palavras,
Sem lagrimas,
(Santino Spinelli)

O poema "Auschwitz", de Santino Spinelli, nos conduz a um mergulho profundo nos horrores dos campos de concentração nazistas. Através de uma linguagem poética intensa e evocativa, Spinelli captura a desolação e o desespero de um período marcado pela morte e pela desumanidade. A obra, inscrita no Memorial em Berlim, serve como um poderoso testemunho do sofrimento de milhões de pessoas. Ao analisar o poema, identificamos diversas imagens que nos remetem aos horrores do regime nazista: os "olhos murchos" simbolizam a perda da esperança, a "falta de ar" alude às câmaras de gás, e a descrição da fome e das condições insalubres retrata a crueldade a que os prisioneiros eram submetidos. A incerteza paira sobre os sobreviventes: a cada amanhecer, a dúvida sobre a própria existência. A morte ronda constantemente, seja através das execuções, das câmaras de gás ou do trabalho exaustivo. A partida de entes queridos intensifica o sofrimento, e a imagem dos "lábios frios" evoca tanto a morte física quanto o frio emocional que permeava os campos.

"Auschwitz" não se limita a descrever os horrores do passado, mas também nos convida a refletir sobre a importância da memória. Ao registrar poeticamente esse acontecimento, Spinelli garante que a história não seja esquecida e que as futuras gerações compreendam a gravidade dos crimes cometidos pelo nazismo. A obra de Spinelli, ao abordar o tema do Holocausto, nos mostra a importância da arte como ferramenta de denúncia e conscientização. Através da poesia, o autor nos permite sentir a intensidade do sofrimento e a brutalidade do regime nazista, que causou a morte de milhões de pessoas e deixou marcas profundas na humanidade.

Neste contexto, é pertinente explorar a intensa rejeição de Hitler ao bolchevismo e ao marxismo, ideologias que prevaleciam em sua época. Enquanto o nazismo se baseava em conceitos raciais e na ideia de superioridade ariana. Assim

como o poema nos leva a sentir o peso da desumanidade, a aversão de Hitler por essas doutrinas é igualmente fundamental para compreender os horrores do regime. O bolchevismo, que surgiu com a Revolução Russa, constituía a corrente hegemônica no Partido Operário Social-Democrata Russo. O termo 'bolchevique' significa 'maioria', e seus seguidores, influenciados pelo marxismo, almejavam uma revolução que unisse camponeses e trabalhadores para estabelecer a ditadura do proletariado.

A ascensão dos bolcheviques ao poder, em substituição à dinastia Romanov, constituiu uma ruptura radical com o antigo regime. Por sua vez, o marxismo, que serviu de base para os bolcheviques, propunha uma análise da sociedade centrada nas relações de produção e uma crítica ao sistema capitalista. A revolução bolchevique buscou efetivar as concepções de Marx e Engels, criando um modelo de Estado no qual os meios de produção seriam coletivizados e o controle político estaria sob controle da classe trabalhadora mediada pelo Partido Comunista, a expressão da consciência coletiva. Assim como a poesia de Spinelli nos confronta com a realidade brutal do Holocausto, a ideologia nazista de Hitler se opunha tanto ao marxismo quanto ao bolchevismo, formulando uma política radicalmente distinta, alicerçada no nacionalismo exacerbado, no racismo e na glorificação da força.

A Revolução Russa de 1917 foi o resultado de uma série de tensões sociais e econômicas acumuladas ao longo do tempo. Sob um regime absolutista, a Rússia czarista enfrentava uma intensa desigualdade social e possuía uma economia majoritariamente agrária, o que a colocava em nítido contraste com a Europa em processo de industrialização. A participação no conflito da Primeira Guerra Mundial, que intensificou a crise interna, serviu como o catalisador para a revolução. É nesse contexto político e social que surge o bolchevismo, contrapondo-se ao ideal de um regime que, como o descrito por Spinelli, se alimentou da desumanidade e do sofrimento, criando um ciclo de opressão que ecoa tanto na história quanto na arte. Ao contrário do marxismo, que enfatizava a igualdade social e a coletivização dos meios de produção, o nazismo de Hitler defendia a superioridade racial, o nacionalismo extremo e a propriedade privada. A teoria marxista, centrada nos conceitos de luta de classes e de mais-valia, procura compreender as raízes das desigualdades sociais inerentes ao capitalismo. Para Marx, a história humana é marcada por conflitos entre classes sociais, com a burguesia explorando o trabalho

do proletariado. Esta exploração, representada pela mais-valia, seria o motor das transformações sociais e a revolução seria a solução para superar estas desigualdades. O ódio de Hitler em relação a esses regimes, marxismo e bolchevismo, transcende a mera discordância ideológica; ele está profundamente ligado à sua associação dos judeus com o marxismo. Hitler vê na origem judaica de Karl Marx, o criador da teoria, uma ameaça à nação alemã. Para ele, essa conexão reforça sua crença de que o marxismo representa uma influência corrosiva sobre a identidade e a integridade do Estado.

> No meu íntimo eu estava descontente com a política externa da Alemanha, o que revelava ao pequeno círculo que meus conhecidos, bem como a maneira extremamente leviana, como me parecia, de tratar-se o problema mais importante que havia na Alemanha daquela época o marxismo. (HITLER, 1983, p.105).

Na sua obra, Hitler estabelece uma relação intrínseca entre o marxismo e o judaísmo, apresentando-os como fatores fundamentais nos problemas enfrentados pela Alemanha. Ele argumenta que a resolução dos desafios futuros do país está condicionada à erradicação do marxismo, o qual, segundo sua perspectiva, compromete a coesão do Estado e a saúde da economia. Hitler atribui o mal-estar da nação a essa ideologia, buscando um bode expiatório para justificar o declínio nacional. Nesse sentido, os judeus são frequentemente apontados como parte significativa dessa responsabilidade, reforçando a ideia de que o marxismo e o judaísmo estão interligados no processo de deterioração da Alemanha. Para Hitler, o marxismo tinha apenas um objetivo: a destruição de todas as nacionalidades não-judias. Na sua obra afirma que se dedicou ao estudo do marxismo e, com base na sua análise, chega à conclusão inequívoca de que este sistema é perverso e deve ser rejeitado pela nação, afirmando que os movimentos bolcheviques e marxistas representavam um grande problema para o Estado-nação. Hitler enfatiza que os trabalhadores devem servir a pátria e revela um profundo medo da revolução, o que contrasta com o carácter autoritário e ditatorial do seu regime, que poderia ser ameaçado por movimentos revolucionários. Sémelin, em sua obra Purificar e Destruir, argumenta que Hitler nutria um profundo medo da perda da Alemanha tradicional, ameaçada pela ascensão dos bolcheviques, cujas aspirações eram inspiradas no comunismo. Essa preocupação com a preservação da identidade nacional impulsionou a retórica e as ações do regime nazista, refletindo o temor de que o comunismo pudesse subverter os valores e a estrutura da sociedade alemã.

Entre as diversas questões levantadas por Hitler sobre o marxismo, devemos destacar a sua profunda indignação para com os antigos governos alemães, que, segundo ele, permitiram a ascensão deste regime na Alemanha. Para Hitler, a erradicação de uma doutrina oposta significava a necessidade do extermínio completo dos seus seguidores. Defendia que a violência deveria ser utilizada ao máximo, acreditando que a eliminação total dos adversários era a melhor estratégia. Segundo sua lógica, a violência direta contra uma doutrina poderia, paradoxalmente, gerar um aumento no número de seguidores através da repressão, fortalecendo assim o movimento perseguido. Esta abordagem ficou evidente na sua política de extermínio dos judeus, na qual procurou justificar as suas ações com uma retórica que associava a violência à suposta necessidade de purificar a sociedade alemã.

> O número dos adeptos cresce então proporcionalmente à intensidade da perseguição. Entretanto, o extermínio sem tréguas da nova doutrina só poderá ser possível à custa de grande e crescente dizimação dos que a aceitam, dizimação que, em última análise, conduzira o povo ou o governo ao depauperamento. Tal processo será, desde o princípio, inútil, quando a doutrina a ser combatida já tenha ultrapassado certo círculo restrito. (HITLER, 1983, p. 115).

Hitler argumentou que os indivíduos deveriam servir ao Estado e não vice-versa, argumentando que a proteção e a legitimidade do Estado são essenciais. Esta perspectiva contrasta com a teoria marxista, que afirma que o aparelho de dominação é um instrumento da classe detentora dos meios de produção, que dele se utiliza para dominação legal, coerção e controle ideológico. Hitler propôs um Estado totalitário, o que suscitou controvérsia e contribuiu para a sua rejeição por parte de alguns grupos. Ao longo do texto, podemos observar a ambiguidade das palavras de Hitler. Embora rejeitasse o movimento bolchevique, tentou liderar a sua própria revolução através do Putsch de Munique, sem sucesso. Seu objetivo era firmar suas convicções e implementar sua doutrina, mesmo que envolvesse um movimento de revolta semelhante ao que criticava, que também visava transformar a nação. Esta contradição revela uma complexidade da sua posição, onde a procura de poder e legitimidade se confunde com a rejeição de outras formas de mudança social, segundo a interpretação de Hitler, a doutrina marxista representa uma ameaça à nação alemã, estando associada à decadência moral da sociedade. Em seus escritos, afirmava que a cultura alemã havia sido infiltrada por judeus, que, segundo ele, estavam intrinsecamente ligados ao marxismo, já que seu autor, Karl Marx, era de origem judaica. Hitler via o bolchevismo como uma ameaça ainda mais

séria, temendo o seu potencial para causar perturbações e violência, não apenas na Alemanha, mas em toda a civilização ocidental. Ele vinculou a revolução comunista a uma conspiração judaica, acreditando que os judeus eram os principais agentes por trás deste movimento. Em contrapartida, o nazismo, segundo Hitler, promoveu a unidade nacional e a obediência ao Führer, enquanto o bolchevismo foi visto como um movimento que favorecia a revolução estatal e gerava desordem social. Esta oposição à ideologia comunista justifica a sua retórica e política repressiva, em busca de uma Alemanha unida e forte.

Em A Dialética do Marxismo Cultural, Iná Camargo Costa começa por afirmar que o termo “marxismo cultural” data do contexto da Alemanha nazi, onde foi utilizado pejorativamente pelo regime para deslegitimar os movimentos sociais que promovem a diversidade, argumenta que os regimes fascistas prosperam em sociedades onde a classe trabalhadora está desorganizada, torna-se vulnerável e vê os seus direitos violados. Ela indica que o livro representa uma declaração de guerra ao marxismo, onde o bolchevismo é a sua expressão mais significativa. Nos tempos modernos, podemos analisar o trabalho de Hitler e a sua propaganda eleitoral como uma tentativa sistemática de moldar a identidade nacional da Alemanha. Nele, ele expõe suas aspirações para o país, destacando o que deveria ser preservado e o que deveria ser eliminado sob seu governo. Esta propaganda, embora muito associada a Hitler, faz parte de um projeto maior para criar uma ligação emocional com o público, criando um sentimento de pertença e propósito. Além disso, Hitler demonizou o marxismo e o bolchevismo, apresentando-os como inimigos irreconciliáveis. Opondo-se a estes regimes, procura incitar o ódio e o medo, convencendo um número crescente de pessoas a partilhar o seu ódio por estas ideologias. Esta estratégia de ataque é uma forma de doutrinação, essencial para consolidar a sua visão. A obra de Hitler, muitas vezes chamada de "Bíblia Nazista", exige que os cidadãos acreditem nas suas palavras, fortalecendo assim a sua influência e justificando as suas ações no contexto político da época. No quarto capítulo da sua obra, Hitler afirma que, para garantir a unidade do Estado nacional, é fundamental apostar na formação e educação do povo. Ele critica a interpretação marxista que sustenta a ideia de que o valor humano não deve ser medido pela raça, afirmando que não acredita na igualdade racial. Hitler enfatiza a importância da “questão sanguínea” e das capacidades individuais de cada ser humano. Para que

esta visão se concretize, segundo ele, devemos abandonar o princípio democrático da maioria. Portanto, esta perspectiva elitista se opõe diretamente aos fundamentos marxistas, defendendo uma hierarquia baseada na raça e na capacidade individual, e que a raça deve ser um critério fundamental para avaliar o valor dos indivíduos.

> Seria loucura querer medir o valor dos homens pela raça, e, ao mesmo tempo, declarar guerra ao princípio marxista segundo o qual um homem é sempre igual a outro, se não estivermos resolvidos a tirar daquele axioma todas as consequências. A última consequências do reconhecimento da importância da questão do sangue, isto é, do fundamento do problema racial, deve consistir em levar aos indivíduos essa convicção. Assim como eu devo estabelecer a diferença entre os povos pela raça a que pertencem, assim também devem fazer os indivíduos dentro de determinada coletividade. (HITLER, 1983, p. 275).

Além de abordar a questão eugênica, Hitler, neste capítulo, delineia sua visão de um Estado nacionalista, que deve ser centrado na figura de um único líder, em vez de uma coletividade. Para ele, o governo deve ser exercido pelas "melhores cabeças", ou seja, aqueles que considera mais capacitados. Ele defende que o nacional-socialismo deve ser completamente distinto do marxismo, pois não pode fazer concessões à liberdade das massas. Em sua visão, é fundamental reconhecer tanto a importância da raça quanto do indivíduo, pois qualquer abordagem coletivista se baseia nos princípios falhos do marxismo. Para Hitler, essa perspectiva é crucial para a construção de uma sociedade forte e hierárquica.

> Se o movimento nacional-socialista não compreendesse a importância fundamental dessa verdade, mas ao contrário, em vez disso procurasse por remendos ao Estado atual e visse no ponto de vista das massas um ponto de vista seu próprio, transformar-se-ia e, um partido de concorrência com o marxismo. Não teria, então o direito de falar em uma nova doutrina.
> Se o programa social de novo movimento consiste somente em suprimir personalidades e pôr em seu lugar a autoridade das massas, o Nacional-Socialismo, já ao nascer estaria contaminado pelo veneno do marxismo, como é o caso dos partidos burgueses. (HITLER, 1983, p. 279).

Hitler fundamentou sua ideologia em uma interpretação distorcida do darwinismo social, que se popularizou a partir de 1870, e na teoria da degeneração[13]. Essa teoria postulava que a espécie humana estava em declínio,

[13] A teoria da degeneração, proposta pelo psiquiatra francês Benedict-Augustin Morel no século XIX, classifica os "degenerados" como indivíduos com desvios patológicos, sociais e biológicos, que fogem do padrão da normalidade humana. Morel enfatiza que esses desvios representam formas mórbidas de comportamento. Valentin Magnan continuou esse estudo, criando um quadro sinóptico das degenerações mentais, denominado "heredodegenerados". Sua tabela inclui: 1) idiotismo, imbecilidade e debilidade mental; 2) desequilibrados, com anomalias cerebrais que afetam o equilíbrio das faculdades morais e intelectuais; 3) síndromes episódicas hereditárias, como loucura de dúvida, medo de tocar, onomatomania (busca angustiosa por palavras, repetição e medo de usar palavras comprometedoras), aritmetomania, amor exagerado por animais (loucuras de

manifestando-se por meio de fenômenos sociais como a prostituição e o crime, além de identificar como degenerados indivíduos que não aceitavam o status quo, como socialistas e anarquistas. Para Hitler, tais grupos constituíam uma ameaça à evolução da espécie humana e, por isso, defendia que deveriam ser eliminados. Além disso, as concepções racistas e nacionalistas de Hitler estavam imbuídas de discursos que reivindicavam a preservação da cultura alemã, a qual ele associava a uma raça ariana pura e forte, desprovida de miscigenação, estrangeiros ou qualquer outro grupo que não se alinhasse a seu ideal eugênico. A manutenção dessa suposta pureza racial era um elemento central em sua visão de uma sociedade ideal. A relação entre o pensamento de Hitler e o marxismo é igualmente significativa. Hitler aplicava uma estratégia de deturpação ideológica que se estendia a todas as áreas de sua política, incluindo a arte. Ele distorcia as ideologias que se opunham às suas crenças, demonizando tudo o que não se alinhava com sua visão extremista da sociedade. Nesse contexto, Hitler argumentava que ideias como o marxismo representavam uma ameaça existencial à nação alemã, o que lhe permitia justificar a perseguição e repressão a esses grupos como parte de sua agenda de purificação e fortalecimento da nação. A questão racial está intrinsecamente ligada à perspectiva marxista, na medida em que Hitler utiliza essas duas vertentes para mobilizar seu público-alvo, os alemães. Ao articular uma narrativa que demoniza tanto os marxistas quanto os grupos raciais que ele considerava inferiores, Hitler buscava não apenas repelir essas ideologias, mas também consolidar uma base ideológica que promovesse a homogeneidade étnica e a exclusão social. Esse discurso serve como um exemplo das intersecções entre a ideologia política e a construção de identidades sociais.

> O estado deve agir na presunção de que um homem de modesta educação, mas fisicamente sadio, de caráter firme, confiante em si mesmo e na sua força de vontade útil a comunidade do que um indivíduo fraco, embora altamente instruído.
> Um povo de sábios, fisicamente degenerados, torna-se fraco de vontade de transformar-se em um corpo de pacifistas covardes que nunca se elevara as

---

antivivissecionistas), cleptomania, dipsomania, oniomania (mania de compras), mania de jogar, piromania, pirofobia, impulsos homicidas e suicidas, aberrações sexuais, fobias (agorafobia, claustrofobia) e abulia; 4) loucuras morais e delírios, como mania de raciocínio, loucura moral (persecutórios), delírios múltiplos (ambicioso, religioso, de perseguição, hipocondríaco), delírio sistemático único, ideias obsessivas e oscilações entre excitação maníaca e depressão melancólica. Essa teoria foi distorcida por Adolf Hitler, que a utilizou para rotular judeus, ciganos e negros como "raças inferiores", desumanizando esses grupos em suas obras e na arte da época, referindo-se a eles como degenerados.

> grandes ações e nem mesmo poderá assegurar-se a existência na terra. (HITLER, 1983, p. 255).

2.1- A FUNÇÃO DO ESTADO NA FORMAÇÃO DA NAÇÃO

Em sua obra, Hitler expressa uma profunda preocupação com a manutenção da raça, enfatizando que esse processo deve ser iniciado desde a primeira infância. Ele atribui ao Estado a responsabilidade de garantir que as crianças frequentem a escola, o que implica a obrigatoriedade dessa manutenção. Nesse contexto, as mães também desempenham um papel fundamental, assim como as irmãs, ressaltando que, ao se referir à criança, Hitler inclui tanto meninos quanto meninas, enfatizando que o futuro da nação depende do desenvolvimento dessas crianças. Apesar de sua própria aparência física, Hitler argumenta que a maior parte do tempo escolar deve ser dedicada a exercícios físicos, defendendo que o currículo não deve sobrecarregar as crianças com conteúdos excessivos. Ele identifica dois fatores primordiais em seu pensamento: o primeiro diz respeito à formação física, que ele considera essencial para a criação de soldados resistentes e esteticamente valorosos, reforçando a ideia de uma juventude fisicamente preparada. O segundo fator é a necessidade de limitar o conteúdo escolar, pois isso resultaria em uma forma de alienação que serviria aos interesses de seu regime. Para ele, a educação deve focar apenas no que considera essencial, evitando que as crianças se distraiam com informações desnecessárias. Hitler critica o modelo educacional por oferecer apenas duas horas de exercícios físicos por semana e defende que as atividades físicas devem ser práticas diárias. Essa abordagem, segundo ele, não só fortalece a juventude, mas também se relaciona com a hereditariedade, visando a fortificação da nação.

> A função do esporte não e somente a de os indivíduos ágeis e destemidos, mas também de prepará-los para suportarem todas as reações.
> Se as nossas classes intelectuais não tivessem sido educadas exclusivamente em desportos elegantes; se, em vez disso, tivessem aprendido boxe, nunca teria sido possível uma revolução alemã de rufiões, de desertores e de outros indivíduos do mesmo jaez. (HITLER, 1983, p. 257).

Ele demonstra uma preocupação significativa com a saúde dos homens e das mulheres, argumentando que, uma vez saudável, a nação será também saudável. Para Hitler, o Estado tem a obrigação de cuidar tanto da formação física quanto intelectual dos jovens, visando a preparação para o serviço militar. ele

considera que o exército deve ser a principal escola para os jovens. Hitler enfatiza que os jovens do sexo masculino devem ser educados em um espírito nacionalista, cultivando amor à pátria para torná-la invencível. Para as mulheres, ele defende uma educação similar, centrada no exercício físico e no desenvolvimento do caráter, preparando-as para se tornarem futuras mães.

> A educação do sexo feminino deve obedecer ao mesmo critério da do sexo masculino. O ponto mais importante é a educação física, vindo em seguida, o desenvolvimento do caráter, e por último, o valor intelectual. A preocupação principal, na educação das mulheres, futuras mães. (HITLER, 1983, p.259).

Hitler defende que o processo educativo deve priorizar a superação das lamúrias, argumentando que as crianças devem aprender a suportar os sofrimentos em silêncio. Essa perspectiva se alinha com sua crítica à falta de incentivo à tomada de decisões, uma característica que ele considera essencial em um Estado nacionalista. Para ele, o aprendizado de várias línguas estrangeiras é visto como uma perda de tempo, já que, segundo sua visão, esses conhecimentos não seriam aplicáveis no cotidiano. Caso necessário, sugere que o aprendizado de línguas ocorra posteriormente, enquanto enfatiza a importância do exercício físico. Em relação ao ensino de história, Hitler propõe uma abordagem que se concentra na questão racial. Ele acredita que a história deve ser tratada de forma ampla, embora contraditoriamente afirme que a Alemanha é a nação que mais precisa compreender sua própria história. Nesse sentido, defende que a responsabilidade de detalhar essa história cabe aos professores, que não devem sobrecarregar as crianças com informações excessivas. Para ele, a missão central de um Estado nacionalista é abordar a questão racial, considerá-la o problema predominante.

> Em resumo: O Estado nacionalista racista deve resumir o ensino intelectual, reduzindo-o ao que é essencial. Só depois disso é que se oferecera a possibilidade de uma educação especializada sobre bases solidas.
> A educação geral, destinada a todos, deve ser obrigatória. O resto deve ficar ao arbítrio dos indivíduos.
> A redução do programa e das horas de estudo que assim se obteria, seria aproveitada em benefício da cultura física, do caráter, da vontade, do poder de decisão. (HITLER, 1983, p.263).

Além disso, Hitler advoga por uma educação geral e obrigatória para todos, permitindo que os indivíduos decidam sobre suas especializações futuras. Ele rejeita o ensino especializado em áreas como física, química ou matemática, argumentando que os jovens devem ter uma base sólida que os prepare para

futuras especializações. Sustenta, portanto, que a força do povo não deve ser desperdiçada em conhecimentos excessivamente especializados, defendendo uma clara distinção entre educação geral e especializada. Essa perspectiva reflete a visão de Hitler sobre a formação de uma juventude forte e alinhada aos ideais nacionalistas, na qual a educação é vista como uma ferramenta essencial para a construção da nação. O foco em valores como resiliência e nacionalismo, aliado à ênfase no preparo físico, revela um projeto educacional que visa moldar não apenas indivíduos, mas um coletivo coeso e determinado. Hitler defende que a educação deve ser profundamente patriótica, criando nos jovens um sentimento de veneração pela nação. Nesse contexto, o papel da história é destacar grandes heróis nacionais, priorizando o nacionalismo em detrimento do conhecimento crítico. Ele critica a república, responsabilizando-a por diversos problemas educacionais. A finalidade dessa educação, conforme ele afirma, é moldar homens e mulheres que amem a pátria e cultivem um fanatismo nacional. Assim, a educação se torna um instrumento para fortalecer a nação, promovendo uma alienação intelectual em relação ao sistema, com o objetivo de intensificar o orgulho nacional.

> De acordo com esses pontos de vista, deve ser escolhida a matéria a ser ensinada nas escolas. A educação deve ser orientada de tal maneira que um jovem, ao deixar a escola, não seja pacifista democrata ou coisa que o valha, mas um verdadeiro alemão, na mais ampla acepção da palavra. (HITLER, 1983, p.265)

A educação nacionalista proposta por Hitler é complexa e exige um comprometimento profundo, não se restringindo a um aspecto superficial. Para ele, um estado nacional não deve ter qualquer elemento que possa causar vergonha, e é fundamental cultivar uma aliança íntima com o nacionalismo para garantir um futuro robusto e saudável. Nesse contexto, a preservação da raça ariana é uma tarefa central do estado, e a escola desempenha um papel crucial ao implantar, tanto na mente quanto no coração da juventude, a necessidade de manter a pureza racial. Hitler acredita que essa pureza é o caminho para um desenvolvimento cultural autêntico. Em sua obra, ele expõe claramente as intenções e as bases de seu regime, analisando a educação em vigor na época em que escreve e descrevendo sua visão da educação ideal para um estado nacionalista. Nesse processo, ele ressalta suas práticas eugênicas e nacionalistas, afirmando que a educação deve ser uma ferramenta a serviço da preservação de seu regime. Hitler demonstra uma preocupação específica com a juventude e sua educação, reconhecendo que é por

meio dela que o estado se manterá firme. No entanto, essa valorização é contraditória, pois ele frequentemente renega a ideia de proporcionar um conhecimento amplo. Ele argumenta que não se deve "encher o cérebro" das crianças e jovens com conteúdo diversos, pois isso representaria uma perda de tempo. Assim, a educação que ele propõe é autoritária e ideológica, fundamentada em suas crenças, e tem como objetivo promover uma alienação que fortaleça o sentimento nacional. O resultado desejado é que os jovens idolatrem sua pátria, assegurando que suas ideias perdurem ao longo do tempo.

O foco central de Adolf Hitler e do Partido Nazista foi a reconstrução da Alemanha. A preocupação com a juventude é uma temática recorrente na obra "Mein Kampf", onde Hitler expressa a importância de moldar as novas gerações. Ele reconhecia que, para a perpetuação de seu regime, era imprescindível investir na educação e na formação ideológica das crianças e dos jovens. Para Hitler, a reeducação do cidadão era fundamental, pois permitia a criação de uma nova realidade que sustentasse os princípios nazistas a longo prazo. Assim, a inserção das crianças e jovens nesse contexto social e político era vista como um passo essencial para garantir a continuidade de sua visão e ideologia. Nos regimes totalitários, a educação frequentemente é utilizada como um instrumento de controle e sujeição. As disciplinas de humanidades, em particular, são as mais afetadas, pois são elas que promovem o desenvolvimento do pensamento crítico. No nazismo, essa dinâmica não foi diferente; o ensino das humanidades foi transformado em uma ferramenta ideológica a serviço de Adolf Hitler e do Partido Nazista. Essa reconfiguração do conhecimento visava não apenas a doutrinação, mas também a promoção de uma visão de mundo que sustentasse os ideais totalitários, inibindo qualquer forma de questionamento ou contestação.

2.2 UMA ANÁLISE DO TOTALITARISMO SEGUNDO HANNAH ARENDT

Em sua obra, “as Origens do Totalitarismo", Hannah Arendt aprofunda a análise de um fenômeno peculiar aos regimes totalitários: a instabilidade permanente. Apesar da aparente contradição, Arendt argumenta que esses regimes, inclusive o nazismo, constroem uma realidade paralela à vida cotidiana, com o objetivo de perpetuar um estado de incerteza e desordem. Paradoxalmente, mesmo dentro dessa realidade fabricada, a instabilidade é constantemente estimulada, pois, segundo a autora, apenas através desse caos

contínuo é possível alcançar o domínio total sobre a sociedade. A análise de Arendt encontra eco nas palavras de Hitler em "Mein Kampf". Ao dedicar um espaço considerável à educação, o líder nazista tece um discurso repleto de contradições, que, segundo a filósofa, revelam a tentativa de manipular a realidade e manter a população em um estado de constante desorientação. Essa estratégia, ao invés de buscar a estabilidade, visa justamente o oposto.

> Porque o líder totalitário enfrenta duas tarefas que a princípio parecem absurdamente contraditórias: tem de estabelecer o mundo fictício do movimento como realidade operante da vida de cada dia, e tem, por outro lado, de evitar que esse novo mundo adquira nova estabilidade; pois a estabilização de suas leis e instituições certamente liquidaria o próprio movimento e, com ele, a esperança da futura conquista do mundo. O líder totalitário tem de evitar, a qualquer preço, que a normalização atinja um ponto em que poderia surgir um novo modo de vida — um modo de vida que, após certo tempo, poderia deixar de parecer tão falso e conquistar um lugar entre os modos de vida muito diferentes e profundamente contrastantes das outras nações da terra (ARENDT, não paginado)

Arendt, em sua obra, argumenta que o indivíduo, por mais isolado que esteja, não pode ser totalmente dominado. No entanto, ela argumenta que o objetivo final desses regimes é a conquista global. Para Hitler, a educação emergia como a ferramenta mais eficaz para alcançar essa dominação abrangente. Ao moldar a mente das crianças e dos jovens, o regime nazista buscava solidificar seu poder de forma duradoura. A historiografia sobre o nazismo frequentemente se concentra nos aspectos culturais, na propaganda e nos horrores do Holocausto. Contudo, a análise do âmbito educacional revela-se crucial para compreender a estratégia de dominação a longo prazo empregada por esse regime. Arendt utiliza o termo longa duração para enfatizar o papel da educação nesse contexto. Ao atuar sobre as futuras gerações, a educação permitia ao regime nazista moldar uma sociedade inteira de acordo com seus princípios ideológicos.

2.3 A FORMAÇÃO DOS JOVENS DE HITLER

O foco de Hitler na juventude foi tão intenso que o regime criou a Juventude Hitlerista, uma organização que reunia meninos e meninas em diferentes faixas etárias, com o objetivo de doutriná-los e moldá-los de acordo com a ideologia nazista. A Liga das Moças Alemãs (Bund Deutscher Mädel) era a denominação feminina equivalente. Em 1933, com a ascensão do nazismo ao poder, a Juventude Hitlerista já contava com cerca de cem mil membros. Até 1940, esse número havia se multiplicado por mais de setenta vezes, atingindo a marca de 7,2 milhões de

jovens, o que representava cerca de 82% da juventude alemã. Esses dados demonstram a escala e a eficácia do recrutamento juvenil promovido pelo regime.

Além da Juventude Hitlerista, o regime nazista estabeleceu outras quatro seções para a mobilização da juventude, a educação foi completamente reformulada para se alinhar aos parâmetros do regime, com o objetivo de moldar as mentes das crianças e jovens de acordo com os ideais nazistas.

- **Deutsches Jung Volk:** Destinada a meninos entre 10 e 14 anos, servia como porta de entrada para a Juventude Hitlerista.
- **Jungmädelbund:** Equivalente feminino do Deutsches Jungvolk, direcionada a meninas entre 10 e 14 anos.
- **Bund Deutscher Mädel (BDM):** Voltada para moças entre 14 e 18 anos, a BDM era responsável pela formação de futuras mães e cidadãs do Reich.
- **Juventude Hitlerista (Hitlerjugend):** Destinada a rapazes entre 14 e 18 anos, a Juventude Hitlerista era a organização juvenil central do Partido Nazista, responsável pela militarização, doutrinação ideológica e preparação para o trabalho e a guerra.

> A "Juventude Hitlerista" (Hitlerjugend, ou HJ) foi um movimento juvenil organizado pelos nazistas. Ele era composto por diferentes seções para jovens do sexo masculino e do sexo feminino. A parte dos homens era simplesmente chamada de "Juventude Hitlerista"; a parte feminina foi denominada como "Liga das Moças Alemãs" (Bund Deutscher Mädel, BDM). (). (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, 2021)

Fonte: EVANS (2011, p.454)

No quarto capítulo da segunda parte de sua obra, Hitler delineia uma visão clara e preocupante sobre o papel do Estado e da educação. Para o líder nazista, a principal função do Estado nacionalista racista é a formação e educação do povo. Essa afirmação, aparentemente inofensiva, revela uma profunda distorção do conceito de educação, transformando-a em uma ferramenta de moldagem ideológica e eugenista. Hitler não se limita a defender a valorização dos elementos raciais, mas enfatiza a importância da educação como complemento desse processo. Ao longo de toda sua obra, a defesa de ideias eugenistas e totalitárias é evidente, permeando inclusive suas concepções sobre a educação. Seu objetivo final é a construção de um Estado totalitário, no qual o Führer exerce poder absoluto e a raça ariana, considerada superior, domina todas as esferas da sociedade.

É nesse contexto que a educação assume um papel central. Para Hitler, a educação física é fundamental para a formação do indivíduo ideal, forte e saudável, capaz de servir ao Estado. A preocupação com o fenótipo dos indivíduos, ou seja, com suas características físicas, demonstra a obsessão nazista com a pureza racial e a criação de uma população forte e homogênea. A questão da alimentação também é recorrente em seus escritos, sendo vista como um elemento crucial para a manutenção da saúde e da força da raça ariana. Essa visão reducionista do ser humano, que prioriza o físico em detrimento de aspectos como a cultura, a inteligência e a individualidade, é característica do pensamento nazista. Hitler concebia a educação como uma arma poderosa para moldar a sociedade de acordo com sua visão totalitária e racista. A escola, sob o regime nazista, deixou de ser um espaço de aprendizado e se transformou em um instrumento de doutrinação, com o objetivo de criar uma geração de cidadãos leais ao partido e dispostos a defender a ideologia nazista. A educação física desempenhava um papel central nesse processo, com a militarização dos currículos e a promoção de um corpo nacional forte e saudável. A ideia era criar indivíduos fisicamente aptos para o serviço militar e para a expansão territorial alemã. A alimentação também era controlada, com o objetivo de garantir a pureza racial e a saúde da população, seguindo os princípios da eugenia.

> A primeira consequência desse modo de encarar o problema é também a mais elementar. Refiro-me ao trabalho de favorecer, no seio da coletividade, os elementos de mais valor sob o ponto de vista racial e cuidar sobretudo de sua alimentação.

> Mais fácil torna se essa tarefa, justamente porque pode ser quase mecanicamente compreendida e resolvida. Mais difícil é porém, descobrir no seio da coletividade, os indivíduos de mais valor sob o ponto de vista intelectual e ideal e sobre eles exercer uma influencia que ponha esses espíritos superiores a serviço da nação.

Hannah Arendt, em sua obra As Origens do Totalitarismo, argumenta que a ascensão de regimes totalitários inevitavelmente resulta na destruição radical de estruturas sociais e políticas preexistentes. A filósofa alemã postula que esses regimes operam por meio da atomização da sociedade, transformando classes sociais definidas em massas amorfas e despolitizadas, facilitando assim o controle totalitário. O regime totalitário, conforme exposto por Hannah Arendt, representa uma forma moderna de tirania, na qual o poder é concentrado nas mãos de um único líder, e a liberdade individual é severamente restringida. Esse tipo de governo também se reflete no campo educacional, visto que, como em outros regimes autoritários, a educação torna-se um dos pilares essenciais para a manutenção do poder, os regimes totalitários, como o nazismo, ao invés de promover a reflexão crítica e o conhecimento, visa a doutrinação das massas e o controle ideológico.

O nazismo, em particular, promoveu uma transformação das classes sociais em grandes massas homogêneas, sem autonomia de pensamento. Essa homogeneização foi alcançada, em parte, por meio da destruição da educação científica e do pensamento crítico, aspectos fundamentais para a manutenção do regime totalitário. Hitler, ao perceber a importância de moldar as gerações mais jovens, procurou eliminar qualquer forma de pensamento independente. A educação foi, portanto, uma ferramenta essencial para garantir que os indivíduos se conformassem à ideologia nazista.

Um aspecto crucial dessa educação era o desprezo de Hitler pelo desenvolvimento intelectual. Ele priorizou o treinamento físico, acreditando que o desenvolvimento do corpo era mais importante do que o intelecto. A educação física era vista como uma forma de fortalecer o corpo, mas a educação mental, principalmente nas áreas de ciências e línguas estrangeiras, foi amplamente desvalorizada. Hitler considerava, por exemplo, o aprendizado de línguas estrangeiras como uma "perda de tempo", pois isso não contribuiria para a formação de uma sociedade fiel aos ideais nacionalistas.

Fonte: KOCH (1973, p.109)

Esse tipo de educação tinha como objetivo a criação de uma geração alienada, sem ferramentas críticas para questionar o regime. A ênfase na conformidade e na subordinação ao poder centralizado, em detrimento da reflexão intelectual, visava consolidar uma sociedade de massas, onde a liberdade de pensamento seria praticamente inexistente. Assim, a educação sob o regime nazista tornou-se um dos mecanismos mais eficazes para garantir a perpetuação do controle ideológico e a subordinação das futuras gerações ao regime totalitário.

> Os governos totalitários do nosso tempo evoluíram a partir de sistemas unipartidários; sempre que estes se tornavam realmente totalitários, passavam a operar segundo um sistema de valores tão radicalmente diferente de todos os outros que nenhuma das nossas tradicionais categorias utilitárias — legais, morais, lógicas ou de bom senso — podia mais nos ajudar a aceitar, julgar ou prever o seu curso de ação. Se é verdade que podemos encontrar os elementos do totalitarismo se repassarmos a história e analisarmos as implicações políticas daquilo que geralmente chamamos de crise do nosso século, chegaremos à conclusão inelutável de que essa crise não é nenhuma ameaça de fora, nenhuma consequência de alguma política exterior agressiva da Alemanha ou da Rússia, e que não desaparecerá com a morte de Stálin, como não desapareceu com a queda da Alemanha nazista. Pode ser até que os verdadeiros transes do nosso tempo somente venham a assumir a sua forma autêntica — embora não necessariamente a mais cruel — quando o totalitarismo pertencer ao passado. Com relação a estas reflexões, podemos indagar se o governo totalitário, nascido dessa crise e, ao mesmo tempo, o seu mais claro sintoma, o único inequívoco, é apenas um arranjo improvisado que adota os métodos de intimidação, os meios de organização e os instrumentos de violência do conhecido arsenal político da tirania, do despotismo e das ditaduras, e deve a sua existência (ARENDT, 1979, n.p.).

É A afirmação de que a educação nazista visava a criação de massas acríticas e soldados, embora carregada de verdade, necessita de uma abordagem

mais nuançada e fundamentada em evidências históricas. A propaganda nazista, de fato, exaltou o valor da obediência, do militarismo e do nacionalismo, elementos que se coadunavam com os objetivos bélicos do regime. Contudo, a simplificação da educação e a valorização de disciplinas como a educação física e as ciências militares não se traduziram necessariamente em um incentivo ao analfabetismo. Ao contrário, o regime nazista reconhecia a importância da educação para a formação de uma sociedade forte e coesa, embora sob seus próprios termos.

A valorização da juventude masculina e a preparação para a guerra eram, sem dúvida, pilares da educação nazista. A obra de Hitler, "Mein Kampf", revela um profundo desprezo pela classe docente, vista como um obstáculo à implementação de sua ideologia. A proposta de uma reforma radical do ensino, com a substituição dos professores por militantes nazistas, demonstra a intenção de transformar a escola em um instrumento de propaganda e doutrinação.

É preciso ressaltar, no entanto, que a educação nazista não se limitava à alienação e à propaganda**.** A ideologia nazista buscava mobilizar as massas através de um discurso que combinava elementos nacionalistas, raciais e sociais. A escola desempenhava um papel fundamental nesse processo, transmitindo valores como a superioridade da raça ariana, o culto ao líder e a necessidade de uma luta constante pela sobrevivência da nação.

> Quando me lembro de meus professores de escola, compreendo que a metade deles era constituída de anormais [...] nós, alunos da velha Áustria, éramos criados no respeito aos velhos e às mulheres. Mas, quanto aos nossos mestres, não tínhamos misericórdia – pois que eram nossos inimigos naturais. Eram, em sua maioria, um tanto ou quanto desiquilibrados mentalmente, e alguns deles terminaram seus dias como lunáticos declarados! [...] Eram produto de um proletariado destituído de toda independência pessoal de pensamento, que se distinguia por uma ignorância sem paralelo e que prestava admiravelmente a tornar-se os pilares de um falso sistema de governo [...] nossos mestres tiranos absolutos. Não tinham simpatia alguma pela juventude, seu único objetivo era entulhar nossos cérebros e converter-nos em macacos eruditos, como eles próprios. Se algum aluno, revelava o menor traço de originalidade, perseguiam-no sem cessar, e os alunos modelos que vim a conhecer fracassaram todos, mais tarde, na vida. (HITLER apud SHIRER, 2008, p.31).

De acordo com os ideais de Hitler, a construção de uma sociedade "perfeita" estava intimamente relacionada à concepção de uma raça ariana, vista por ele como a única superior às demais. O regime nazista buscava, assim, a perfeição humana

em termos fenotípicos, com uma ênfase particular em corpos musculosos e robustos. Essa obsessão pela "perfeição" não se limitava aos homens, mas também se estendia às mulheres, a quem Hitler atribuía papéis específicos dentro da estrutura social. Para ele, as mulheres desempenhavam duas funções essenciais: em primeiro lugar, a de garantir uma alimentação saudável para seus filhos, uma vez que acreditava que a nutrição impactava diretamente a saúde física e a aparência estética das crianças; em segundo, a de serem saudáveis o suficiente para gerar filhos igualmente saudáveis, assegurando assim a "fortificação" da nação e a perpetuação da raça ariana. Esse ideal de saúde física e estética estava, portanto, profundamente ligado à ideia de fortalecimento do Estado, em consonância com os objetivos do regime nazista de criar uma sociedade homogênea, forte e disciplinada.

Fonte: Koch (1973, p.67)

Ao analisarmos a imagem, podemos observar claramente o impacto dos ideais educacionais promovidos pelo regime nazista. Em primeiro plano, destaca-se a ênfase no exercício físico, já reiterada anteriormente, evidenciando a importância atribuída pelo regime à formação de corpos fortes e disciplinados. Em segundo plano, o nacionalismo se manifesta de maneira explícita, simbolizado pela presença da bandeira nazista, que reforça a ideologia de supremacia racial e unidade

nacional, elementos centrais da propaganda do regime. Essa combinação de foco na saúde física e no culto ao nacionalismo ilustra as prioridades educacionais e ideológicas do Terceiro Reich.

> A educação se encontrou unificada à Juventude Hitlerista e a Liga das Meninas Alemãs durante o período do nazismo, onde estas eram responsáveis por educar os ideais comunitários, obedecendo e cumprindo as ordens que o regime apresentava e defendia. As organizações juvenis eram direcionadas ao público pré-juvenil e juvenil, aceitando meninos e meninas de dez até dezoito anos, tendo como requisito único a origem ariana, e tinham como principal objetivo a doutrinação e encaminhamento deste público que nasceria e cresceria sobre o Terceiro Reich. (MENESES, 2023, p.169).

No capítulo XII de Mein Kampf, Hitler esboça uma visão detalhada sobre a consolidação inicial do Partido Nazista. Através de uma análise minuciosa de seus escritos, é possível identificar uma série de princípios que nortearam a educação e ideologia nazista. “O movimento tem que educar seus adeptos de tal maneira que na luta, vejam a necessidade do emprego dos maiores esforços.” (HITLER, 1983, p. 224). Hitler reafirma em *Mein Kampf* que o valor de um Estado não deve ser medido pela sua cultura, mas pela sua "justeza" e, principalmente, pela sua capacidade de garantir a posteridade. Essa afirmativa está em consonância com os temas trabalhados ao longo do capítulo, nos quais o Führer destaca a necessidade de reconfigurar as estruturas sociais e políticas para assegurar a continuidade e a supremacia da nação ariana. Embora Hitler aborde a questão educacional de maneira direta em vários trechos de seus escritos, é notável que suas considerações sempre se vinculam à ideia de assegurar a posteridade do regime.

> O valor de um Estado não pode ser apreciado pela sua elevação cultural ou pelo seu poder em comparação com os outros povos, mas em última análise, pela justeza de sua orientação em relação à posteridade. (HITLER, 1983, p. 248).

Fonte: KOCH, (1973, p.88)

A imagem em questão retrata Adolf Hitler como figura central, acompanhada por diversas crianças, após o início da Segunda Guerra Mundial em 1939. Um aspecto significativo que chama atenção é a uniformidade das vestimentas das crianças, que seguem um padrão alinhado com a estética do regime nazista. Esse detalhe remete a uma das abordagens centrais de Hitler em sua obra, particularmente em relação à educação e à formação da juventude dentro do contexto de seu projeto totalitário.

Hitler enfatizava, em seus discursos e escritos, que a vestimenta desempenhava um papel crucial na construção da identidade nacional e na formação da disciplina do corpo. Para ele, a roupa não deveria ser apenas uma questão estética, mas sim um reflexo da ideologia do Estado. Em seu entendimento, a vestimenta deveria ser simples, funcional e adaptada à prática da educação física, que ele considerava essencial para a formação do corpo e do caráter dos jovens. Em um de seus textos, Hitler argumenta que as roupas não deveriam cobrir o pescoço, pois isso dificultaria a realização de exercícios físicos, o que poderia comprometer o desenvolvimento da força e da saúde. Esse foco na educação física reflete uma preocupação com a preparação de uma geração apta para o militarismo, algo que constituía uma das principais preocupações do regime nazista.

A perspectiva militar era, de fato, um dos pilares da formação da juventude sob o regime de Hitler, e a educação física, como prática cotidiana, visava não

apenas a promoção da saúde, mas também o fortalecimento da disciplina, da obediência e da lealdade ao Estado. O regime nazista entendia a juventude como um instrumento estratégico para a construção de uma nação forte, racista e nacionalista. Assim, a vestimenta, a educação física e a disciplina eram elementos que se entrelaçavam em uma estratégia de conformação do corpo e da mente, com o intuito de moldar indivíduos aptos para a guerra e para o cumprimento dos ideais do regime.

> Justamente na mocidade é que o vestuário deve estar em função da finalidade educacional. Um jovem que no verão, anda para cima e para baixo vestido até o pescoço, só por isso dificulta a sua educação física. O espírito de honra e digamos entre nós a vaidade deve ser cultivados, não a vaidade de possuir belas roupas que nem todos podem comprar, mas a de criar-se um corpo bem formado, a que todos podem concorrer.
>
> Isso corresponde, para o futuro, a uma certa finalidade. A rapariga deve conhecer o seu cavalheiro. Se a beleza física não se ocultasse hoje, completamente, sob as vestes da moda idiota, e a sedução de centenas de milhares de moças, por judeus bastardos, de pernas tortas e desengonçados, não seria possível. Está também no interesse da nação que se chegue à formação de corpos perfeitos, a fim de se criar um novo ideal de beleza. (HITLER, 1983, p. 258).

Hitler fala, ainda, sobre a vaidade, mas de uma maneira específica. Ele defende que a vaidade que deve ser cultivada não é a de possuir roupas caras ou elegantes, algo que, segundo ele, é privilégio de poucos, mas sim a vaidade de construir um corpo bem formado. Isso está relacionado à ideia de que todos têm a capacidade de cultivar um corpo forte, independente das condições materiais ou sociais, desde que sigam o regime de educação física adequado. Hitler sustenta que o interesse do Estado exige a formação de corpos "perfeitos", ou seja, corpos que atendam aos critérios físicos que ele considerava essenciais para o fortalecimento da nação. A ênfase na saúde física, na disciplina e na construção de uma aparência "ideal" está diretamente vinculada à sua concepção de uma população forte, coesa e capaz de contribuir para a edificação de um Estado militarista e nacionalista. Esse foco na formação do corpo reflete a tentativa de moldar um indivíduo que não apenas possuía aptidões físicas, mas que também estivesse alinhado com os ideais do regime, servindo aos objetivos de uma sociedade subordinada à hierarquia e à preparação para o conflito armado.

Hitler afirma que o estado deve superintender todo o desenvolvimento escolar e militar “É idiotice pensar que o direito do estado em superintender a educação da sua mocidade termina com a idade escolar e só recomeça com o serviço militar.

Esse direito é um dever que nunca deve ser perdido de vista” (HITLER, 1983, p. 258). Por fim, Hitler conclui o capítulo de sua obra dedicado especificamente à questão educacional, afirmando que a responsabilidade pela educação deve ser integralmente do Estado, abrangendo todas as etapas da formação, desde a infância até a juventude. “O homem deve continuar a educar-se, a enobrecer-se, mas isso só será possível dentro do quadro de uma cultura geral, cujo fundamento deve ser sempre o Estado.” (HITLER, 1983, p. 270).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, embora introdutório, permitiu adentrar o universo ideológico de Adolf Hitler através da análise de sua obra Mein Kampf. Longe de ser um mero panfleto político, o livro se revela um documento histórico crucial para a compreensão da gênese do nazismo e de seus desdobramentos catastróficos. A obra, concebida em um contexto de profunda crise na Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial, explicita as aspirações de poder de Hitler, seu projeto de "reconstrução nacional" e, sobretudo, o ódio que alimentaria a máquina de extermínio nazista.

A análise de Mein Kampf evidenciou a centralidade da educação como instrumento de doutrinação e controle social no projeto totalitário nazista. Hitler enxergava na juventude a matéria-prima para a construção do "novo homem" ariano, imbuído de um nacionalismo exacerbado e obediente aos ditames do regime. A educação, nesse contexto, perde seu caráter emancipatório e se transforma em ferramenta de moldagem de mentes e corpos, visando a formação de cidadãos dóceis e soldados prontos para o combate.

A ênfase na educação física, a militarização dos currículos e a desvalorização das ciências humanas apontam para a construção de uma sociedade acrítica, incapaz de questionar o regime e seus dogmas. A escola, sob a égide nazista, deixa de ser um espaço de construção do conhecimento e se torna um centro de propaganda, distorcendo a história e perpetuando a ideologia totalitária.

O estudo também permitiu traçar paralelos entre a ascensão do nazismo e a colonização das Américas, revelando a problemática da "desumanização do outro" como elemento comum a ambos os processos. Hitler, a exemplo dos colonizadores europeus, negou a humanidade de grupos inteiros – no caso, os judeus, ciganos, homossexuais e outros considerados "indesejáveis" – justificando assim a perseguição e o extermínio. Essa lógica perversa, que reduz o outro à condição de objeto, pavimentou o caminho para os horrores do Holocausto.

Mein Kampf também expõe a profunda rejeição de Hitler ao marxismo e ao bolchevismo, ideologias que ele associava aos judeus e considerava como ameaças à Alemanha. Essa associação serviu como combustível para o ódio e o preconceito,

alicerçando a perseguição e o genocídio. A demonização do "inimigo interno", seja ele o judeu, o comunista ou qualquer um que se opusesse ao regime, foi uma estratégia fundamental para a consolidação do poder nazista.

A análise do totalitarismo nazista, à luz da obra de Hannah Arendt, evidenciou a instabilidade permanente como característica intrínseca a esse regime. A criação de uma realidade paralela, baseada em contradições e no caos, visava manter a população em constante estado de desorientação e garantir o controle absoluto sobre a sociedade. O medo, a propaganda e a violência eram os pilares que sustentavam essa estrutura de poder, sufocando qualquer forma de dissidência.

A Juventude Hitlerista, por sua vez, ilustra a importância da mobilização juvenil para a perpetuação do regime. Através dessa organização, milhões de jovens foram doutrinados e moldados de acordo com a ideologia nazista, garantindo a construção de uma sociedade subserviente aos desígnios de Hitler. A manipulação da juventude, com seus ideais e energia, foi uma estratégia crucial para a consolidação do projeto totalitário.

Em suma, a análise de Mein Kampf e do contexto histórico em que a obra foi produzida permitiu uma imersão no universo do nazismo, revelando suas raízes ideológicas, seus mecanismos de controle social e as estratégias utilizadas para a consolidação do poder totalitário. A educação, como instrumento de doutrinação, a desumanização do outro, a rejeição ao marxismo e ao bolchevismo, e a instabilidade permanente foram elementos-chave na construção de um regime que causou a morte de milhões de pessoas e deixou marcas profundas na história.

É crucial destacar que este estudo, dada a complexidade e a extensão da obra, constitui apenas um ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas. Um estudo em nível de mestrado, por exemplo, seria fundamental para explorar as nuances e contradições presentes no pensamento de Hitler, contextualizando a obra em sua totalidade e analisando seus impactos na sociedade alemã e mundial.

As reflexões aqui propostas, além de analisarem o passado, visam contribuir para a construção de um futuro no qual a educação seja um instrumento de transformação social e de promoção da paz. Que a memória das vítimas do nazismo nos inspire a lutar por uma sociedade mais justa e humana, na qual a educação seja

instrumento de libertação e desenvolvimento do pensamento crítico, e não de opressão e controle. Que jamais possamos esquecer os horrores do passado, quem não conhece a história está fadado a repeti-la.

ANEXOS

ANEXO A- “Se todos os jovens alemães fossem assim, não haveria necessidade de temermos pelo futuro.” Crianças de uma classe de escola primária em 1939.

Fonte: EVANS (2011, p.454)

ANEXO B - Hitler passa revista a suas futuras tropas, numa Escola Adolf Hitler, no Obersalzberg perto de Berchtesgaden.

Fonte: KOCH (1973, p.109)

ANEXO C – Ginastas femininas na competição nacional organizada por Robert Ley. Os vencedores em cada modalidade eram recebidos por Hitler.

Fonte: Koch (1973, p.67)

ANEXO D – Hitler entre “suas” crianças e jovens, imediatamente após a deflagração da guerra, 1939.

Fonte: KOCH, (1973, p.88)

REFERÊNCIAS

HITLER. Adolf. Minha Luta: Mein Kampf. Tradução Integral e Direta do alemão. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

SÉMELIN. Jacques. Purificar e destruir: Usos Políticos dos massacres e dos genocídios. Bastos Jorge. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

CAMARGO, Costa Iná. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARROSO, Percillia Michelly Castro. **A educação na Alemanha no Terceiro Reich (1933-1945): e seu papel na modulação de ideias entre crianças e jovens**. 2021. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

BARROS, José D'Assunção. Mein Kampf: um texto nazista em seus dois momentos: uma abordagem do escrito de Hitler como fonte histórica. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 71, n. 1, p. 226-263, jan./jun. 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.5380/his.v71i1

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

FARCHE, Bruna Krieck; COUTO, Maria Laura Tolentino Marques Gontijo. O cinema a serviço da cultura política nazista. **Revice: Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 346-364, ago./dez. [1] 2017.

OLIVEIRA, Thaynara Tanganelli de. **A falácia da higienização racial: uma análise dos cartazes antissemitas Nazistas sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)**. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

BARBOSA, S.S.R. A psicogênese e a sociogênese nas obras de Norbert Elias e a sua relação com a educação no processo civilizatório. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2004, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2004. p. 1-13.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v. 1.

MENESES, Nayla Thayna Soares Alves de. A educação básica na Alemanha nazista: um meio de doutrinar crianças e jovens para a Segunda Guerra Mundial (1933-1939). **Horizontes Históricos**, Dourados, v. 6, n. 1, p. 164-175, jan./maio

2023. ISSN: 2596-0377. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizonteshistoricos/article/view/16532. Acesso em: 19 nov. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 71-120.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes. Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 156, p. 1-32, 2007.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FARCHE, Bruna Krieck; COUTO, Maria Laura Tolentino Marques Gontijo. O cinema a serviço da cultura política nazista. **Revice: Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 346-364, ago./dez. 2017.